

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE - UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS NÍVEL
DE MESTRADO EM LETRAS ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: INTERFACES
ENTRE LÍNGUA E LITERATURA**

**ENTRE FAMÍLIA, TRABALHO E ESPAÇOS PÚBLICOS: A MULHER NAS
PÁGINAS DA REVISTA *GRAN-FINA* (1940-1942)**

JASMINE AP. HORST DOS SANTOS

Guarapuava

2016

JASMINE AP. HORST DOS SANTOS

**ENTRE FAMÍLIA, TRABALHO E ESPAÇOS PÚBLICOS: A MULHER NAS
PÁGINAS DA REVISTA *GRAN-FINA* (1940-1942)**

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção de grau de Mestre em Letras, Curso
de Pós-Graduação em Letras, área de
Concentração Interfaces entre Língua e
Literatura, da Unicentro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Níncia Cecília Ribas
Borges Teixeira

Guarapuava

2016

Ficha elaborada pela Biblioteca da Unicentro-Guarapuava, Campus Santa Cruz

S237e Santos, Jasmine Aparecida Horst dos
Entre família, trabalho e espaços públicos: a mulher nas páginas da revista *Gran-Fina* / Jasmine Aparecida Horst dos Santos.– Guarapuava: Unicentro, 2016.
x, 110 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Letras; área de concentração: Interfaces entre Língua e Literatura.
Orientadora: Profa. Dra. Nírcia Cecília Borges Teixeira;
Banca examinadora: Profa. Dra. Suely Leite, Prof. Dr. Márcio Fernandes.

Bibliografia

1. Identidade. 2. Gênero. 3. Identidades Femininas. 4. Mulher. 5. Revista Gran-Fina. 6. Análise de Conteúdo. 7. Curitiba. 8. Paraná. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CDD 20. ed. 302.2324082



TERMO DE APROVAÇÃO

Jasmine Aparecida Horst dos Santos

Entre família, trabalho e espaços públicos: A mulher nas páginas da revista *Gran-Fina* (1940-1942)

Dissertação aprovada em 01/02/2017 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de pós-Graduação em Letras, da Unicentro Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, área de concentração Interfaces entre Língua e Literatura, pela seguinte Banca Examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) Nírcia Cecília Borges Teixeira - UNICENTRO - Presidente/Orientador(a)

Prof.(a) Dr.(a) Suely Leite - UEL - Membro Titular

Prof.(a) Dr.(a) Márcio Fernandes - UNICENTRO - Membro Titular

GUARAPUAVA-PR
2017

Agradecimentos

À minha orientadora e inspiração profissional, Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira, por toda paciência, por todas as aulas incríveis e fascinantes. Professora, você me fez ter ainda mais certeza de que amo a docência e de que é este caminho que quero seguir. Que Deus me permita um dia ser pelo menos um pouquinho de tudo o que você é.

Ao professor Márcio Fernandes pelo pronto aceite em participar da minha banca, por todas as contribuições, as dicas, e, principalmente por me dar tantas oportunidades de participar efetivamente de congressos tão incríveis. Isso me fez, mais uma vez, ter certeza de que quero seguir este caminho. Serei eternamente grata.

À professora Suely Leite, pela disponibilidade em participar da minha banca e pelas grandiosas contribuições desde a qualificação. Toda gratidão do mundo.

Ao meu bem, Gilmar Lejambre Jr. que me acompanha desde o final do Ensino Médio, que sempre me apoiou, que sempre se esforçou para entender minhas ausências e que compartilha tantos sonhos comigo. “...*Pour toute ma vie, mon amour...*”

À minha mãe e ao meu pai, Rosângela e Osmar, por todo o incentivo aos estudos, por sempre estarem ao meu lado e compartilharem comigo todas as conquistas e frustrações.

À minha avó, Dorly, a quem posso chamar de segunda mãe, que mesmo com todas as dores da idade nunca deixou de me mimar com comidinhas gostosas e aquele café quentinho no meio da tarde.

Aos meus avôs, Raul e Augusto, e minha avó, Maria, que já foram morar com Deus e, com toda certeza, compartilham comigo todos esses momentos.

Às minhas irmãs, Iasmin e Mylena, para quem eu dei minhas primeiras aulas da vida, ainda na infância.

À Éverly Pegoraro, sem dúvidas uma das maiores responsáveis por eu ter descoberto o caminho da pesquisa e me encantado por ele.

À toda família, por todo incentivo, por sempre acreditarem em mim e sempre me colocarem em suas orações.

Aos colegas do Mestrado, pela companhia durante todo esse tempo. Em especial, à Jéssica Lange, minha amiga desde o início da graduação, com quem dividi todas as glórias, todas as frustrações da faculdade de Jornalismo e do Mestrado, e o Bryan, pelas conversas loucas sobre os mais variados assuntos e pela amizade que pretendo levar para toda vida.

À Karin, por todo incentivo e por sempre se mostrar feliz com minhas conquistas, por menores que sejam.

Aos meus amigos. Seria impossível lembrar de todos aqui, mas vocês estarão bem representados pelos nomes que citarei. Agradeço aos presentes que Deus colocou em minha vida durante esse ano, Elis Carraro, por todo apoio durante as madrugadas, por ouvir áudios com trechos da dissertação, e por sempre me fazer pensar positivo, mesmo nos momentos mais desesperadores. À Letícia Ferrari, por todas as palavras de incentivo e por compartilhar comigo um dos momentos mais difíceis e dolorosos de toda a vida, que com certeza mudou a visão que tenho sobre nossa passagem aqui na Terra.

Agradeço, também, à todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, que tanto contribuíram para o sucesso dessa fase da minha vida, principalmente à professora Maria Cleci Venturini.

Ao Felipe Martins, pela ajuda com as traduções.

À CAPES, pela bolsa que permitiu total dedicação à pesquisa.

Resumo: O papel da mulher na sociedade muda ao longo do tempo. Suas funções, obrigações e subjetividades variam de acordo com o período histórico. Nosso trabalho propõe uma reflexão acerca das construções identitárias feminina dentro da revista *Gran-fina*, um periódico de generalidades, que circulou na cidade de Curitiba no início da década de 1940. A mulher é constituída de diversas facetas, nos moldes propostos por Hall (2004). Assim, é interessante observar como essas diferentes identidades eram retratadas nas páginas da revista, e mesmo se tratando de um veículo midiático que não circulou por muito tempo, é possível observar que ocorreram transformações nessas identidades femininas e na forma como o discurso jornalístico discorria sobre isso. O discurso jornalístico não é entendido aqui como lugar de descrição histórica da mulher, mas sim como um local de reiteração de sentidos que possibilitam entender o contexto histórico e cultural em que a revista estava inserida e a forma como a mulher era vista na sociedade paranaense. Para tanto, utilizaremos como base os Estudos Culturais, e estudos identitários, lançando mão de autores como Hall e Bauman, e de gênero, com Scott, Butler e Beauvoir. Nossa análise terá como base a Hermenêutica, ou análise de conteúdo.

Palavras-chave: Identidade. Gênero. Revista *Gran-fina*. Paraná.

Abstract: The woman's role at society changes as time goes by. Their functions, obligations and subjectivities vary in accordance with historical period. Our work offers a reflection about making female identity included in *Gran-fina* magazine, a periodic of generalities published on the Curitiba city on beginning of 40's. The woman is composed of several facets, on fashion proposed by Hall (2004). Therefore, it is interesting to notice how those different identities were represented on the magazine pages and even to be about media that did not circulate for long, it is possible to look that changes happened on these identities and on the way how the journalistic speech used to talk about that. The journalistic speech does not understood here as a place of woman's historic description, but as a place of reaffirmation of meanings that makes possible to understand the historic context and cultural wherein the magazine was inserted and the way how the woman was seen by society from Parana state. Therefore, we will use as a base cultural studies, and identity studies, making use of authors such as Hall and Bauman, and gender, with Scott, Butler and Beauvoir. Our analysis will be based on Hermeneutics, or content analysis.

Key words: Identity. Gender. Magazine *Gran-fina*. Paraná.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – A primeira edição	49
Figura 2 – Capa e publicidades.....	51
Figura 3 – Falta de imagens.....	52

Sumário

1. INTRODUÇÃO	12
2. ESTUDOS CULTURAIS: MEMÓRIA, IDENTIDADES E GÊNERO.....	17
2.1 Os Estudos Culturais e a Comunicação	26
2.2 Memória e Identidades: relações entrelaçadas	29
2.3 Gênero: “ Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”	37
3. REVISTA <i>GRAN-FINA</i> : ESPELHO DA SOCIEDADE PATRIARCAL NA CURITIBA DA DÉCADA DE 1940	45
3.1 Mulher e Família: O prevaecimento dos papéis tradicionais	56
3.2 Mulher e Trabalho: relações conturbadas dentro de uma sociedade tradicional.....	74
3.2 Mulher e Espaços Públicos: restrições Sociais e Econômicas	89
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107

“Je me disais que, tant qu’il y aurait des livres, le bonheur m’était garanti”

Simone de Beauvoir

1. INTRODUÇÃO

“As tarefas de educar os filhos, de manter a casa em ordem e o marido feliz são, naturalmente, obrigações femininas”. (MEU BEBÊ É MINHA VIDA, 1941, p.18). Afirmações como essa eram bastante comuns em periódicos do passado. No caso da revista *Gran-Fina*, publicada na cidade de Curitiba no início da década de 1940, período em que a cidade passava por transformações, com sua industrialização crescente, e algumas mudanças relacionadas à Segunda Guerra Mundial, as páginas eram tomadas por discursos que insistiam em manter as funções femininas ligadas à criação dos filhos e aos cuidados com o marido e com o lar.

O momento de industrialização crescente e de êxodo rural, pelo qual a cidade de Curitiba passava no início da década de 1940, fez com que a população urbana crescesse significativamente, e acabou por dar espaços à mulher dentro do mercado de trabalho. Entretanto, essa ida ao mercado de trabalho ainda não era vista com bons olhos, principalmente dentro de uma cidade que procurava manter características interioranas, em que o perfil de família tradicional, com um pai que trabalhava para sustentar a casa, uma mãe que cuidava do lar e da criação dos filhos, e filhos que frequentavam a escola e a catequese e que desde pequenos iam se colocando nos papéis sociais a eles destinados historicamente.

O estudo de revistas antigas nos permite ter contato com diferentes discursos, que ao primeiro olhar nos parece uma realidade bastante distante do que vivemos atualmente. Entretanto, ao observarmos com mais cuidado, notamos que os julgamentos que permeiam o universo feminino apenas se atualizam, questões referentes ao comportamento da mulher, questionamentos acerca da sua presença no mercado de trabalho, da sua responsabilidade junto à convivência familiar, são temas muito atuais.

Ribeiro (2005), sugere a ideia do jornalismo como uma “arena de discursos”, por onde circulam diferentes visões acerca dos fatos. Nessa

“arena”, uma pluralidade de vozes – consonantes, contrárias, antagônicas – se manifestam, e assim, refletem padrões de comportamento social de determinada época. Nessa pesquisa, nosso objetivo é adentrar essa arena, buscar entender como essa figura feminina era retratada nas páginas da revista *Gran-fina* e assim perceber como era vista essa mulher na sociedade curitibana do início da década de 1940.

O interesse pelo corpus dessa dissertação surgiu a partir dos primeiros contatos com publicações paranaenses antigas. Abriu-se ali um mundo de novas possibilidades, de surpresas, de indignações e principalmente, de admiração por aquelas que se propunham a não seguir padrões, que se colocavam contra as regras sociais da época, mesmo sendo julgadas pela sociedade tradicional e patriarcal que imperava, casos assim eram raros, mas ainda possíveis de serem encontrados nas páginas da *Gran-fina*.

O Paraná historicamente foi visto como um estado predominantemente rural. Estudar a imprensa paranaense é mostrar que também possuímos uma história dentro da comunicação. Durante muito tempo, pouco se falou sobre o tema, entretanto, nos últimos anos, na tentativa de se entender todo esse processo comunicacional pelo qual o estado passou, muitas pesquisas se voltaram para o assunto. Quando falamos sobre a pesquisa envolvendo identidade feminina, também entendemos que é necessário compreender o processo pelo qual a figura feminina passou. Se voltarmos nossos olhos ao passado, com bastante atenção, teremos uma maior facilidade para compreender a forma como a mulher é vista em nossa sociedade atualmente.

É importante destacar que nosso período de análise compreende todas as edições da revista disponíveis na Biblioteca Pública do Paraná, sediada na cidade de Curitiba. No total, 49 exemplares, que vão de Agosto de 1940 até Julho de 1942. Também é necessário destacarmos que se tratava de uma revista quinzenal e que tinha como foco generalidades, com algumas seções e colunas voltadas à mulher.

A revista em questão nunca foi estudada a fundo, de acordo com dados emitidos pela Biblioteca Pública do Paraná, com o acervo de teses e dissertações da CAPES e com pesquisas gerais na internet, e esse foi um dos

motivos que nos levou a optar por ela. Sentimos que com essa pesquisa poderemos colocar uma peça a mais nesse verdadeiro quebra-cabeça que é a história da comunicação, e também da mulher, dentro do Paraná.

Vale lembrar que o período em que a revista circulou coincide com a Segunda Guerra Mundial. É perceptível que alguns hábitos e costumes dos moradores da cidade se modificaram devido à guerra, dos assuntos na rua, passando pela escassez de tecidos, chegando até o lazer, com os boletins da guerra exibidos nos cinemas e transmitidos via rádio. É claro, que a imprensa também não poderia fechar os olhos para o maior acontecimento histórico do século XX, que por muitas vezes, pautou as matérias veiculadas na revista. Outro assunto, que diversas vezes esteve presente nas páginas da publicação, faz referência a Era de Ouro do cinema americano. Ideais de beleza *hollywoodianas* eram difundidos pela *Gran-fina*, como um modelo que as mulheres de alta classe da capital paranaense deveriam seguir.

Para cumprir com esse objetivo, utilizaremos como metodologia, a Hermenêutica. A Hermenêutica tradicional se referia ao estudo de interpretação de textos escritos, principalmente na Literatura, na Religião e no Direito. Atualmente, a chamada Hermenêutica contemporânea, ou moderna, engloba tudo o que existe no processo de interpretação. De acordo com Weller (2007), há uma aproximação entre a investigação hermenêutica e sociológica a partir da década de 1980, quando as abordagens qualitativas começam a ser vistas não mais em oposição aos métodos quantitativos, mas como enfoques diferentes no campo da pesquisa social.

Seguindo os preceitos dos Estudos Culturais, poderemos mergulhar na questão da dominação cultural, que influencia diretamente na formação das identidades. Nesse sentido, partimos de uma historicização acerca dos Estudos Culturais, e sobre a forma com que eles modificaram a visão que se tinha em relação ao estudo da cultura. Essa base teórica nos ajudará a refletir e a analisar a revista, já que buscamos uma aproximação entre a história, o jornalismo, os estudos identitários e de gênero.

Na perspectiva da pesquisa, a revista pode ser considerada como um lugar de memória, nos moldes propostos pelo francês Pierre Nora (1993). Para

ele, um lugar de memória é qualquer lugar, material ou imaterial, onde a memória de um povo se cristaliza. Nesse sentido, enxergamos a revista *Gráfica* como um lugar onde a memória de um povo se cristalizou, permitindo que hoje nós consigamos estudar aspectos relacionados à questão identitária feminina do início da década de 1940.

Dedicamo-nos a tratar da temática de gênero, que consideramos como uma das mais importantes para se entender questões femininas. De acordo com Scott (1995), através do estudo de gênero pode-se definir como eram as mulheres de determinada época, lhes atribuindo um perfil identitário. Por se tratar de uma questão que ainda gera muitas dúvidas, atemo-nos a utilizar autores bastante conhecidos por suas pesquisas nesse campo teórico. Aqui pretendemos mostrar como essa construção social, que é o gênero, é cercada por relações de poder.

Nosso trabalho visa entender quais eram os papéis sociais destinados à figura feminina em três situações diferentes, assim, a análise estará pautada nas temáticas Mulher e Família, Mulher e Trabalho e Mulher e Espaços Públicos. A escolha se deu através, principalmente, das seções e colunas em que o periódico tratava da temática feminina e de matérias e reportagens aleatórias em que a mulher era citada.

Para Chartier (2002), as representações são processos dinâmicos, que sofrem constantes mutações e variam de acordo com o interesse de determinados grupos. A teoria de representações de Chartier (2002), nasce já no contexto dos Estudos Culturais, onde se passa a aceitar que ao mesmo tempo em que uma pessoa consome cultura, ela também produz cultura. Nesse sentido, as representações seriam o momento em que o mundo do texto entra em contato com o mundo do leitor, e o efeito desse texto irá variar de acordo com o contexto social em que o leitor está inserido.

Dentro de sua teoria, Chartier (2002) define dois conceitos para a representação. No primeiro, ele afirma que a representação é uma ausência que distingue o que representa do que é representado. No segundo caso, a representação é definida por ele como a apresentação pública de uma

presença. Assim, não há uma fórmula exata de leitura, pois ela sempre estará encarnada em um conjunto de práticas sociais.

Nesse caso, há uma representação da figura feminina nas páginas da revista *Gran-fina*, entretanto, não necessariamente as leitoras concordavam com a representação acerca delas no periódico. Até porque, em muitos casos, eram homens que escreviam a respeito das mulheres. Esse sentimento de não representatividade é perceptível quando algumas leitoras se opõem ao que a revista declarava.

Na primeira parte de nossa análise, “Mulher e Família: O prevalecimento dos papéis tradicionais”, procuramos discutir quais eram as regras sociais vigentes no período, e entender como essa revista funcionava como um “manual de boas maneiras femininas”. A presença de uma conselheira e de muitas dicas acerca do universo familiar também são lembradas. A temática Mulher e Família era a mais presente dentro da *Gran-Fina*, já que a figura feminina sempre esteve ligada a questões familiares e o lar sempre foi considerado um espaço essencialmente feminino.

A segunda parte de nossa análise se pauta sobre a temática “Mulher e Trabalho: relação conturbada dentro da sociedade patriarcal”. Essa nova configuração feminina ganha espaço dentro da revista, que, surpreendentemente destina uma coluna intitulada “*Carnét* da mulher que trabalha” a essa mulher que passa a ser encontrada com maior frequência dentro do universo do trabalho. Entretanto, ainda se mantém grande preconceito em relação a essa transição do meio privado para o meio público.

A terceira análise diz respeito às questões relacionadas a presença feminina nos espaços públicos. Intitulada “Mulher e espaços públicos: restrições sociais e econômicas”, visamos entender quais eram os locais permitidos, ou não, às mulheres do período. Também tentamos entender se essas restrições ocorriam somente por questões sociais, ou se as diferenças econômicas, que se delineavam cada vez mais, também influenciavam na criação dessas regras.

2. ESTUDOS CULTURAIS: MEMÓRIA, IDENTIDADES E GÊNERO

A escolha pela base teórica que será utilizada para sustentação desse trabalho foi definida a partir da percepção de que os Estudos Culturais, mais do que qualquer outra teoria, daria conta de uma pesquisa que envolve memória, identidades, gênero e comunicação.

A origem mais aceita, acerca dos Estudos Culturais, remete-nos ao final da década de 1950, na Inglaterra. Entretanto, sua institucionalização aconteceu a partir da criação do *Center of Contemporary Cultural Studies* (CCCS), em 1964, na Universidade de Birmingham, onde tinha como objeto “as formas, as práticas e as instituições culturais e suas relações com a sociedade e a mudança social” (Mattelart; Nevev, 2004, p. 16).

A história dos Estudos Culturais sempre foi marcada pela contestação, aliás essa é uma das principais características do movimento: o ato de contestar as realidades socialmente construídas, de lançar um olhar diferente sobre as culturas que compõem o cenário social. Assim, os Estudos Culturais passam a considerar o indivíduo como um ser pluralista, que traz consigo uma bagagem cultural, que o fará reagir de modos diferentes aos estímulos a que for submetido. Pode-se dizer que os Estudos Culturais trazem uma proposta de visão crítica da cultura, em que esta passa a ser percebida como um instrumento de reorganização da sociedade. Além disso, entende-se que a cultura sofre influência dos processos de globalização.

Podemos qualificar, portanto, a emergência dos *Cultural Studies* como a de um paradigma, de um questionamento teórico coerente. Trata-se de considerar a cultura em sentido mais amplo, antropológico, de passar de uma reflexão centrada sobre o vínculo cultura-nação para uma abordagem da cultura dos grupos sociais. Mesmo que ela permaneça fixada sobre uma dimensão política, a questão central é compreender em que a cultura de um grupo, e inicialmente a das classes populares, funciona como contestação da ordem social ou, contrariamente, como modo de adesão às relações de poder (MATTELART e NEVEV, 2004, p. 13-14).

Os Estudos Culturais buscam analisar as relações políticas e sociais, partindo de um olhar que considera a cultura mundial e local nessas análises, dessa forma, sob novas abordagens, que superam diferenças disciplinares, e levam em conta aspectos que fogem de um método “científico”, e que estão sujeitas às particularidades humanas.

Vale lembrar que antes do advento dos Estudos Culturais, havia uma separação entre a cultura clássica, dita alta cultura, e a cultura popular, a chamada baixa cultura. As pesquisas se preocupavam basicamente com elementos da alta cultura. A partir do momento em que os Estudos Culturais rompem com essa ideia, percebe-se que o sentido da cultura ia muito além daquilo que era considerado até então. A cultura midiática, desprezada até o momento, passa a servir como um espaço para discussões. E se podemos entender alguns pontos acerca de uma sociedade através do modo como esta produz e consome cultura, é nesse contexto em que nossa pesquisa se insere: um exemplo da cultura midiática impressa, em que se pode estudar elementos que caracterizavam um povo. Aqui, a leitora dessa revista, que recebia cultura, mas que também era responsável por produzir cultura. Antes do advento dos Estudos Culturais, nosso objeto de estudo seria considerado um elemento da baixa cultura, sendo desprezado como objeto de pesquisa.

No campo dos Estudos Culturais, tudo acaba por girar em torno de um eixo: a preocupação com o uso da cultura pelo povo. E aqui, toda prática cultural, por mais cotidiana que seja, têm algo a dizer sobre aqueles que a consomem e/ou produzem. Essa cultura cotidiana permite observar hábitos de um povo, buscar elementos que caracterizem as identidades dessa sociedade. Dentro da *Gran-fina*, buscamos características da sociedade curitibana, observando suas práticas culturais e tentando perceber suas identidades.

São três os livros que formaram o pilar principal dos Estudos Culturais. O primeiro foi *The uses of literacy*, de autoria de *Richard Hoggart*, lançado em 1957. A obra trazia um panorama sobre as tradições culturais da classe trabalhadora inglesa. O segundo livro foi *Culture and Society 1780 – 1950*, lançado em 1958 e escrito por *Raymond Williams*. O objetivo da obra era

repensar o conceito de cultura dentro da tradição britânica no campo da intelectualidade, além de refletir acerca das ligações existentes entre cultura e sociedade. A terceira obra foi *The making of the English Working class*, lançado em 1963, por *Edward P. Thompson*, que tratava da formação da consciência das classes trabalhadoras através de movimentos sociais. Essas três obras que são consideradas a base dos Estudos Culturais, fizeram com que seus autores também fossem vistos como alguns dos mais influentes do movimento, tamanha a repercussão de seus trabalhos.

De acordo com Cevasco (2008), os Estudos Culturais surgiram como um empreendimento marginal e “começaram por uma necessidade política de estabelecer uma educação democrática para os que tinham sido privados dessa oportunidade”. (CEVASCO, 2008, p.62). Através das contribuições do movimento, a cultura passa a ser vista como uma manifestação heterogênea e diferenciada, que, de modo algum, significa apenas uma sabedoria recebida ou uma experiência passiva, mas sim que apresenta um grande número de intervenções ativas. Enquanto se consome cultura também se produz cultura. Somos produtores e receptores ao mesmo tempo.

Alguns dos precursores dos Estudos Culturais, considerados grandes nomes do movimento, tais como Hoggart, Thompson e Williams, deram aulas na *Worker's Educational Association* (WEA), que era uma organização de esquerda, com aulas noturnas, para trabalhadores. Estamos falando sobre um período de pós-guerra, onde a sociedade sentia-se na obrigação de incluir aqueles que haviam lutado, e ganhado, a guerra. Somente a WEA possuía mais de 90 mil adultos matriculados.

A WEA defendia uma educação pública e igualitária que promulgasse os valores de uma cultura em comum, em contraposição aos esforços elitistas dos adeptos da cultura de minoria de Scrutiny e do treinamento social dado pelos Fabianos – a sociedade sócio-democrática que, desde sua fundação no final do século XIX, buscava a reforma gradual da sociedade, por meio, entre outras coisas, do treinamento de elites entre os trabalhadores. A WEA procurava construir uma nova consciência social e uma nova civilização que incluísse a classe trabalhadora como um todo. (CEVASCO, 2008, p.62)

Nesse trecho, fica perceptível o contexto em que os Estudos Culturais foram criados. Evidencia-se que havia uma insatisfação com os modelos vigentes na época, fossem eles políticos, econômicos ou educacionais.

Seguindo nessa linha, para Escosteguy (2006), os Estudos Culturais não configuram uma disciplina, mas sim uma área onde elas se completam, visando ao estudo de aspectos culturais da sociedade. Essa área, não se constitui numa nova disciplina, mas resulta da insatisfação com algumas disciplinas e seus próprios limites.

Os Estudos Culturais atribuem à cultura um papel que não é totalmente explicado pelas determinações da esfera econômica. A relação entre marxismo e os Estudos Culturais inicia-se e desenvolve-se através da crítica de um certo reducionismo e economicismo daquela perspectiva, resultando na contestação do modelo base-superestrutura. A perspectiva marxista contribuiu para os Estudos Culturais no sentido de compreender a cultura na sua "autonomia relativa", isto é, ela não é dependente das relações econômicas, nem seu reflexo, mas tem influência e sofre consequências das relações político-econômicas. Existem várias forças determinantes-econômica, política e cultural - competindo e em conflito entre si, compondo aquela complexa unidade que é a sociedade. (ESCOSTEGUY, 2006, p.04)

Dessa forma, uma das diferenciações dos Estudos Culturais para com as disciplinas ditas comuns, é o seu envolvimento político explícito. Nas palavras de Escosteguy (2006), os Estudos Culturais devem ser entendidos como um movimento teórico-político. Teórico em razão de terem proposto uma nova área de pesquisa que visava a interdisciplinaridade, e político tendo em vista a identificação dos movimentos sociais da época com os Estudos Culturais. Há uma maior consciência da influência à que a cultura estava sujeita. Acabava ali a noção de cultura simplesmente pela cultura.

Escosteguy (2006) afirma que a sociedade e sua complexidade, assim são por conta de diversos fatores, bem como a cultura, essa complexidade não é explicada por um só motivo, mas sim por sofrer influência de diversos fatores.

Ela, ainda, relata que houve um processo de descentralização no campo dos Estudos Culturais. O olhar passou a ser focado às novas condições de constituição das identidades sociais.

De forma sintética, é preciso apontar as rupturas e incorporações mais importantes que contribuíram na construção da perspectiva teórica e das principais problemáticas desta tradição. Aproximando-se do vasto campo das práticas sociais e dos processos históricos, os *cultural studies* preocuparam-se, em primeira mão, com os produtos da cultura popular e dos *mass media* que expressavam os rumos da cultura contemporânea. (ESCOSTEGUY, 2006, p. 89)

Há uma relação muito íntima entre a cultura, a comunicação e as identidades. Foi com a ascensão dos Estudos Culturais que essa relação passou a tomar forma, pois, se antes os meios de comunicação eram tratados como alheios à cultura, com os Estudos Culturais eles adquiriram outro status. Além de ser elevado à categoria de cultura, os meios de comunicação também passaram a difundir identidades

Hall (2004), parte da ideia de que nossas identidades se moldam a partir do nosso pertencimento às culturas. Hall (2004, p. 8) coloca que a identidade cultural é constituída por “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. Assim compond o que ele chama de fragmentação das identidades.

O ser humano não nasce pronto. Suas experiências em meio à cultura contribuirão para a formação de sua identidade. A mulher da década de 1940, havia nascido em meio a uma cultura onde os papéis sociais destinados à figura feminina se resumiam em funções ligadas a cuidar de casa, do marido e dos filhos. Com as mudanças culturais que começavam a ocorrer, aos poucos, esses papéis foram se modificando, o que permitiu que novas identidades surgissem.

Os Estudos Culturais passaram a se preocupar com a chamada “cultura de massa”, mais popular, que não tinha o mesmo *status* da dita alta cultura.

Nesse momento, a cultura passa a ser vista como um espaço de discussões, com um olhar mais abrangente e despido de preconceitos, já que é vista como um fenômeno heterogêneo. Nesse sentido, entende-se que a realidade é uma construção social, as identidades são construções sociais, e essas construções ocorrem dentro de uma sociedade que é constantemente marcada pela luta pelo poder.

A partir disso, enxerga-se, por exemplo, um produto da cultura midiática, como é o caso do nosso objeto de estudo, como um palco de debates, que nos oferece a possibilidade de buscar elementos característicos de uma sociedade através dos produtos culturais que esta consumia.

Para se entender a mudança provocada na maneira de se estudar as identidades, é necessário entender como e a partir de que essas mudanças se sucederam. As transformações da identidade social, da modernidade até a pós-modernidade, passaram a ser compreendidas, em grande parte, através dos Estudos Culturais que deram um novo *status* a esse tipo de pesquisa.

A partir dessa transformação, passou-se a entender o sujeito como pluralista, e dessa forma, com o advento do pós-modernismo, isso provocou a descentralização das identidades, assunto bastante recorrente em autores dos Estudos Culturais, tais como Hall (2004), que em sua explanação sobre identidade, fala sobre a descentralização do sujeito, que acarreta a possibilidade dele ser constituído de diversas facetas identitárias, ora complementares, ora controversas.

Hall (2004) cita a existência de três tipos de sujeito, o do iluminismo, que seria a figura do humano centrado, sem qualquer transformação ao longo da vida; o sociológico, que seria aquele que começa a transparecer a complexidade do mundo moderno; e o pós-moderno, em que a descentralização da sua identidade, provocaria uma mistura dos sistemas culturais que o cerca e acabaria por constituir essa identidade em constante movimento.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2004, p.13)

No que tange a temática “identidades”, quando nos referimos aos Estudos Culturais, Cevalco (2008), remete-nos aos primeiros debates ocorridos no *Center of Contemporary Cultural Studies* (CCCS), em 1964, quando alguns grupos minoritários trouxeram à tona questões de dominação cultural que implicavam nos processos de formação identitária.

Como já vimos, o movimento feminista e anti-racista já haviam irrompido nos debates do CCCS. As lutas de liberação nacional trouxeram para o debate a questão da dominação cultural nos processos de formação da identidade em sujeitos pós-coloniais e nas próprias metrópoles onde a imigração – No caso da Inglaterra primordialmente de ex-súditos do império – começa a criar uma sociedade multirracial. Como a representação de raça, gênero e etnia passa sempre por processos culturais, esses movimentos infletiram a prática dos Estudos Culturais com o aparecimento de trabalhos interessantíssimos sobre gênero. (CEVASCO, 2008, p. 164).

Nesse caso, Cevalco (2008) aponta para a emergência de discursos ligados a grupos marginalizados que começavam a aparecer com o processo de instauração dos Estudos Culturais. Se antes esses grupos não tinham voz dentro da sociedade, eles passam a ser objetos de estudos, já que todos os processos de representação destes acontecem por meio de processos culturais. Aqui podemos fazer uma ligação com o nosso objeto de estudo, já que, por se tratar de um meio de comunicação da década de 1940, período em que as mulheres ainda não tinham voz ativa dentro da sociedade, a forma como elas são representadas na revista, os espaços em que elas aparecem, denotam processos culturais, que nos ajudam a entender um pouco sobre a sociedade curitibana da época.

Ainda para Hall (2004), a nossa identidade cultural é composta através dos elementos da cultura na qual estamos inseridos. Nesse caso, apesar das mudanças que ocorrem com o passar do tempo, com a influência da globalização, e outras influências, existem elementos considerados essenciais do caráter nacional que permanecem imóveis.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 2004, p. 50).

Dessa forma, é possível compreender algumas das diferenças que existem entre as culturas. Há países que insistem nesse caráter de organização para suprimir minorias, exemplificando casos em que determinados gêneros, etnias, entre outras divisões são utilizadas como uma forma de exclusão. Ao se pensar a sociedade curitibana do início da década de 1940, é perceptível que havia um discurso padronizador de como a mulher deveria agir em relação aos mais variados aspectos da sociedade. Assim, alguns discursos eram vistos como “imóveis” por parte da população, que não via com bons olhos as mudanças que afetavam o comportamento feminino.

Seguindo a mesma linha de pensamento de Hall (2004), Bauman (2009), acredita que a identidade não é algo pronto, mas sim algo construído socialmente, dependendo da interação social que há, o que mantém o discurso adotado pelos Estudos Culturais, de que as formações identitárias podem ser múltiplas, e que acontecem por conta de uma dominação cultural.

Ter a necessidade de *se transformar no que somos* é uma característica da vida moderna (não da “individualização moderna”, uma expressão evidentemente pleonástica; falar de individualização e de modernidade é falar da mesma condição social). (BAUMAN, 2009, p. 184)

Essa identidade em formação, de que Bauman (2009) assevera, sofre influência direta da cultura, por isso de ser um dos principais pilares de discussão dos Estudos Culturais. O meio em que o sujeito está imerso afetará diretamente a construção das suas identidades. Com a globalização, há uma aproximação entre culturas, assim, essas identidades estão em constante movimento, em constante formação.

Hall (2003) afirma que a centralidade da cultura se transforma cotidianamente, e assim, os sujeitos que estão imersos nessa cultura também estarão em constante transformação:

A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. Depende de um conhecimento da tradição enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2003, p. 43)

O autor afirma que estamos sempre em processo de formação cultural, assim as identidades, que dependem dessa formação para existirem, estarão sempre em movimento. Ao considerar a cultura como uma produção, e afirmar que nós temos soberania para decidir o que fazer com nossas tradições, e não apenas sofrer a influência delas, Hall (2003) reafirma sua visão de que somos produtores e consumidores de cultura.

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais

poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2004, p. 13).

Com o conceito de que as identidades são móveis, elas podem ser temporárias também. É possível que os sujeitos se identifiquem com determinada cultura, utilizando-se de uma identidade por certo tempo, até perceber que aquela não lhe cabe mais, e através de novas significações e representações culturais, busque uma identidade que lhe preencha, ao menos por certo tempo, numa espécie de ciclo.

2.1 Os Estudos Culturais e a Comunicação

Um dos grandes impactos dos Estudos Culturais aconteceu dentro das pesquisas que implicam a comunicação. Uma cultura que até então não era valorizada, pois era enquadrada na categoria de “baixa cultura”. Um dos princípios dos Estudos Culturais é o reconhecimento de que, há, por parte da indústria cultural, uma intenção de dominação. Entretanto, ao considerar toda a cultura que o indivíduo traz, parte-se de uma visão de que existem muitos elementos que podem fazer com que essa intenção se concretize ou não. Partindo de autores como Hall (2004), para quem as identidades são móveis, a comunicação passa a ter demasiada importância na formação cultural dos sujeitos.

Os Estudos Culturais passam a fazer maior sentido a partir do momento em que eles servem como base para outros assuntos. Essa percepção social do mundo a que os estudos se referem, passa a ser uma base para que novos trabalhos sejam feitos a partir disso, dessa forma, os Estudos Culturais deixam de existir apenas na teoria e passam a demonstrar a sua importância na prática da pesquisa.

A partir do pensamento contemporâneo entende-se que há uma elevação nas discussões acerca da questão das identidades. Isso porque, num momento anterior, o assunto era deixado em segundo plano. Bauman (2005), sobre as questões de identidade, reconhece que o assunto não era o tema central dos

debates: “não estava nem perto de nosso centro de debates, permanecendo unicamente um objeto de meditação filosófica”. (BAUMAN, 2005, p. 23). Entretanto, depois as identidades passaram a ocupar uma posição de destaque, estudada e observada a partir de diferentes faces, por diversos autores.

Bauman (2005), enxerga a questão das identidades como cercada de dúvidas e passando por uma crise, atualmente. De acordo com o autor, as identidades trazem segurança, de modo que as pessoas tem algo concreto em que se apoiar, entretanto, com a fragmentação dessas mesmas identidades, elas tornam-se mais frágeis, um reflexo da liquidez da modernidade.

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente “nem-um-nem-outro”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” - ser identificado de modo inflexível e sem alternativa - é algo cada vez mais malvisto (BAUMAN, 2005 p. 35).

Ainda para Bauman (2001), o consumo é visto como um meio, por onde são construídas as identidades dessa vida líquida. “A dependência de consumidor é condição *sine qua non* da liberdade de ser diferente, de ter identidade”. (BAUMAN, 2001, p.98). Não à toa, a mídia está diretamente relacionada com a questão do consumo. Ela não vende apenas produtos, mas sim estilos de vida, modos de agir, numa vitrine à que muitos tem acesso. É comum que se busque inspiração em pessoas, em objetos, em estilos divulgados pela mídia. Dentro da revista *Gran-fina*, havia a promoção de estilos, de comportamentos, que promoviam modos de vida e eram “comercializados” pela revista. Esses perfis, em sua maioria, eram bastante tradicionais.

Hall (2000), afirma que quando se tenta rearticular relações entre os sujeitos e as práticas discursivas, a questão da identidade emerge, ficando evidente que é por meio dessas interações comunicativas que elas se constroem. Ele então define o conceito de identidade como sendo estratégico e posicional:

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Elas são o resultado de uma bem sucedida articulação ou “fixação” do sujeito ao fluxo do discurso (...). (HALL, 2000, p. 111).

Nesse caso, Hall (2000), atenta para o fato de que as práticas discursivas determinam identidades para nós. Assim, ao se trabalhar a fixação de um discurso, tem de se colocá-lo como uma verdade, e dentro desses discursos, há espaços onde se criam e se fixam identidades, mesmo que por um determinado período (já que as identidades são móveis), e todas essas práticas discursivas nascem de uma constante luta pelo poder, que na diferença de identidade objetiva criar um sistema classificatório, nos moldes também discutidos por Woodward (2000).

De acordo com Woodward (2000): “a identidade depende de outra para existir. Sendo, assim, marcada pela diferença”. (WOODWARD, 2000, p. 09). Dessa forma, a autora nos fala que a identidade recebe a marca dos sistemas classificatórios. Nesse sentido, há uma negação de características que sejam diferentes daquela que está de acordo com o sistema vigente (de classe social, raça, gênero, nacionalidade, etc.). Ao considerar a revista *Gran-Fina*, onde ainda prevalecia a ideia de que as mulheres deveriam ser submissas aos homens, é bastante perceptível essa marca classificatória. Em um sistema dominado pela figura masculina, há uma negação de direitos à mulher, conseqüentemente, uma negação dessa identidade.

Assim, podemos dizer que a construção identitária é simbólica e social, aos moldes do que outros autores já afirmavam. “A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares”. (WOODWARD, 2000, p. 10-11). Nesse sentido, dentro da *Gran-fina*, podemos perceber que se estabelece uma diferença social entre as mulheres consideradas de família, e aquelas que eram mal vistas na sociedade. Através dessa diferença se constroem as identidades femininas do período.

De acordo com Buitoni (1990, p.5), a imprensa serve como base de estudo de variados assuntos, devido às suas articulações sociais, econômicas e culturais, que estão implícitas em sua estrutura. Tendo em vista a perspectiva dos Estudos Culturais, em que é possível identificar na cultura da mídia elementos que caracterizam um povo que consome essa mídia, é possível utilizar a imprensa como base para pesquisas, como é o caso do que nos propomos a fazer nesse trabalho. No caso da *Gran-fina*, podemos perceber essas articulações da década de 1940, principalmente no que diz respeito à temática feminina.

A revista *Gran-fina* não era essencialmente uma revista jornalística, ela trazia conteúdos com esse cunho, no entanto, ainda servia como uma vitrine da alta classe curitibana, mas, podemos perceber em suas edições essas articulações de que Buitoni (1990) fala. A mulher no início da década de 1940 passava por transformações em sua posição social, esses contextos da época influenciam diretamente na formação identitária feminina. Os Estudos Culturais permitiram que se deslizesse entre diferentes campos teóricos na busca pelas respostas a que nos propusemos a discutir.

2.2 Memória e Identidades: relações entrelaçadas

Nossa proposta de trabalho visa buscar identidades femininas representadas nas páginas da revista *Gran-fina*. Nesse sentido, a construção identitária está intimamente relacionada à questão da memória. Isso porque,

autores como Pollak (1992), acreditam que a memória é um fenômeno construído (consciente ou inconsciente), como resultado do trabalho de organização (individual ou socialmente), assim sendo um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva. Além disso, os diferentes discursos e fontes legitimadoras que circulam nos produtos midiáticos apresentam percepções do imaginário da época, tornando-se um campo privilegiado de análise sobre conflitos simbólicos por representação e construção de significados dos diversos agentes que compõem o espaço social (RIBEIRO, 2005). Aqui, o periódico é visto como um local por onde circulam diferentes percepções, servindo como lugar de memória contemporâneo.

Os exemplos poderiam multiplicar-se, mas gostaríamos de somente sublinhar que a formalização e o registro da memória social, mesmo não sendo a função social primeira do jornalismo, acaba sendo sua função secundária, uma espécie de efeito colateral extremamente importante, inclusive no próprio processo de legitimação social de sua função 'principal'. (RIBEIRO, 2005, p.04)

Segundo Pollak (1992), a memória é constituída por acontecimentos, pessoas, personagens e lugares. Os acontecimentos podem ter sido vividos pessoalmente, vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual uma pessoa tem sentimento de pertencimento. As pessoas podem ou não ter participado do acontecimento naquele determinado espaço-tempo, mas contribuem para a formação da memória. Já os lugares são aqueles que possuem uma ligação particular com alguma lembrança que favoreça um sentido de pertencimento. Assim, para ele, a memória é definida como:

[...] um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p.16)

Pollak (1992) registra que pensar a construção da memória somente é possível quando esta é relacionada ao tema identidade. Isso porque, para ele, na construção da identidade é necessário levar-se em conta três elementos: a unidade física (no sentido de lugar), a continuidade dentro do tempo (não apenas no sentido físico, mas moral e psicológico), e por fim, o sentimento de coerência. Ainda de acordo com o teórico, a relação entre memória e identidade, define que a memória é um fenômeno construído (consciente ou inconsciente), como resultado do trabalho de organização (individual ou socialmente).

Halbwachs (2006) parte da afirmação de que qualquer memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva. A explicação para isso seria de que todas as lembranças são formadas no interior de um grupo. O sujeito pode ter a sensação de que possui uma memória própria, entretanto, o que pode haver, nesse caso, é uma internalização de representações de uma memória histórica. Basicamente, a memória coletiva engloba a memória do grupo e cada membro desse grupo se identifica com essa memória coletiva. Assim, torna-se impossível ao sujeito lembrar de algo pertencente a um grupo com o qual suas lembranças não se identificam. Segundo Halbwachs (2006):

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Pollak (1992), assim como Halbwachs (2006), reitera a ideia de que a construção da memória funciona como uma estratégia para fixar identidades. Segundo ele, há uma estreita ligação entre a memória e o sentimento de possuir determinada identidade. Pollak (1992) ainda fala sobre um “enquadramento da memória”, que seria a escolha entre aquilo que vai ser lembrado e o que deve ficar esquecido. Essa ideia é complementada pela afirmação, tanto do próprio Pollak (1992), como de Halbwachs (2006), de que a

memória coletiva é um processo de construção do passado, que acontece a partir de demandas do presente e a afirmação de identidades sociais para os que estão envolvidos nesse processo.

O trabalho de enquadramento de memória se alimenta do material oferecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro. (POLLAK, 1992, p.09-10).

Huyssen (2000) faz um apanhado acerca da importância que as atuais sociedades dão ao passado. De acordo com ele, as últimas décadas do século XX foram impregnadas pelo que ele chama de “cultura da memória”, em que houve uma intensa valorização do passado, visto como algo que traz coerência à nossa existência, ao mesmo tempo em que estamos frente a um futuro que causa medo, principalmente por sua fragmentação. Para ele: “O enfoque sobre a memória é energizado subliminarmente pelo desejo de nos ancorar em um mundo caracterizado por uma crescente instabilidade do tempo e pelo fraturamento do espaço vivido” (HUYSSSEN, 2000, p.20).

Ainda segundo Huyssen (2000), esse “boom de memória” que a sociedade atual vive, também se dá por conta de que esse terreno da memória seria um terreno mais sólido, em que se tem mais segurança, ao contrário da atualidade, em que vivemos o que Bauman (2001) denomina “modernidade líquida”. Para Huyssen (2000), a memória nos traz conforto:

Nosso mal-estar parece fluir de uma sobrecarga informacional e perceptual combinada com uma aceleração cultural, com as quais nem a nossa psique nem os nossos sentidos estão bem equipados para lidar. Quanto mais rápido somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir mais devagar e mais nos voltamos para a memória em busca de conforto (HUYSSSEN, 2000, P. 32)

Ribeiro (2005) trabalha a ideia do jornalismo como uma “arena de discursos”, em que uma pluralidade de vozes – consonantes, contrárias, antagônicas – se manifestam, mostrando ou refletindo padrões de comportamento social. Essa “arena de discursos” dentro da revista escolhida como fonte de pesquisa possibilita aos seus contemporâneos encontrar um sentido do mundo que os cercava naquele período, que ganhavam destaque na imprensa e, mais especificamente, as percepções que se constroem sobre a mulher, sobretudo no Paraná, que era o foco principal da revista *Gran-Fina*. Dentro da revista, é perceptível esse reflexo de padrões de comportamento. Se, por um lado, haviam matérias e reportagens de cunho verdadeiramente jornalístico, por outro, a revista também era como um manual de como as mulheres da época, sobretudo as moradoras da cidade de Curitiba, deveriam se portar em ambientes públicos e privados.

Assim como Ribeiro (2005), Barbosa (2007) também entende a mídia como lugar de memória contemporânea, pois os seus discursos semantizam e alocam sentido a determinado fato.

Acontecimento, neste sentido, deve ser definido por um duplo aspecto: ruptura e conhecimento. Acontecimento seria algo que emerge na duração, irrompendo a cena e estabelecendo uma distinção entre aquele instante, e o imediatamente anterior. Mas não basta a ruptura para a produção do acontecimento. É necessário que ele seja conhecido. Por um lado, necessita-se da diferença, da excepcionalidade que cria, mas, para se constituir como tal, é preciso que uma ampla maioria de pessoas tome conhecimento da sua existência. (BARBOSA, 2007, p.103).

Assim, o argumento de “realidade construída” proposto por Barbosa (2007) complementa a ideia de Ribeiro (2005), pois entende-se a mídia como *lócus* por onde circulam diferentes percepções e como lugar de memória contemporânea.

Ferreira (2007) também acredita no papel da imprensa como uma instância que propicia a inscrição de acontecimentos na memória social:

Se na contemporaneidade o discurso jornalístico ocupa, cada vez com maior intensidade, o papel institucional de produzir sentidos passíveis de inscrição na memória social, é fundamental desnaturalizar este discurso, examinando de que modo vem a instituir-se e a produzir os efeitos de verdade e consenso que muitas vezes acabam por orientar nossas ações e nosso pensar. (FERREIRA, 2007, p.59)

Dessa forma, a autora afirma que cada sujeito constrói a sua realidade, de acordo com as ressignificações daquilo que interpreta, segundo ela, estabelece-se então uma identificação simbólica com determinados significantes. Esta identificação produzirá um efeito de consistência e coerência imaginárias para o sujeito, que se colocará então na origem do que se diz.

A partir dessa identificação simbólica, proposta por Ferreira (2007), podemos entender os jornais (e demais produtos jornalísticos, a revista, no caso dessa pesquisa) como lugares de memória: formadores e armazenadores da memória social. Nora (1993) define o conceito de “lugares de memória” que, para ele, vão desde o objeto material e concreto, ao mais abstrato e simbólico. Dessa forma, os lugares de memória são locais, que podem ser materiais ou imateriais, em que a memória de uma sociedade se cristaliza e podem exercer papel fundamental na formação da identidade de um povo.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais [...]. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. (NORA, 1993, p.13)

Essa “não naturalidade” apontada por Nora (1993), nos processos de formação dos lugares de memória, de certa forma, vem de encontro ao que Pollak (1992) nos fala sobre o enquadramento de memória. Não é algo natural, e há muitos interesses na escolha daquilo que será lembrado e aquilo que ficará inerte no campo do esquecimento. Nesse sentido, desde o momento da

escolha das pautas de uma revista, como era o caso da *Gran-fina*, já faria parte desse processo acerca do que seria lembrado e do que seria esquecido. Há uma promoção, uma exaltação, de identidades tradicionais, que estariam de acordo com a moral e os bons costumes, e, ao mesmo tempo, críticas muito pesadas sobre mulheres que fugiam desses perfis tradicionais.

Nesse mesmo sentido, Bosi (1994), também fala sobre uma memória que não é estável, pois possui um caráter político que definirá o que é, ou não, importante e que deve ser lembrado. De acordo com ela:

na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 1994, p.55).

A mídia exerce papel fundamental nesse esquecimento (ou não) dos fatos que registra. A própria revista *Gran-fina* se colocava como memória para a contemporaneidade em alguns momentos, reforçando a ideia de Nora (1993):

“Imaginamos, daqui vários anos, uma moça que encontrará um exemplar da nossa *Gran-fina* entre os pertences de sua avó. Os tempos serão outros, talvez os costumes tenham mudado bastante. Entretanto, com toda certeza, a sociedade ainda saberá valorizar uma moça de família, bem educada e prendada”. (GRAN-FINA, 1942, p. 18).

Para Huyssen (2000), existe uma variação na escolha desses lugares de memória, e essa variação dependerá sempre dos valores sociais de cada região, isso por que, segundo ele: “o lugar de memória numa determinada cultura é definido por uma rede discursiva extremamente complexa, envolvendo fatores rituais e míticos, históricos, políticos e psicológicos”

(HUYSSSEN, 2000, p. 69), a explicação para isso seria de que as culturas valorizam a memória em diferentes níveis. O momento pelo qual a cidade de Curitiba passava, com intensa modernização industrial, mas, ao mesmo tempo uma tendência de valorização da imagem de ordem na capital, evidencia o que Huyssen (2000) fala. Os valores sociais, nesse caso, tem a ver com o momento social, histórico e político pelo qual o município passava.

Para Ribeiro (2005), o resgate do jornalismo como fonte histórica deve-se à mudança do estatuto do fato histórico. Quando se admite que ele é produzido e não dado, o mais importante deixa de ser o fato “em si” e passa a ser a forma pela qual os sujeitos tomam consciência dele e o relatam, assumindo certas posições. Mesmo porque, o fato em si é pura abstração. Cada órgão de comunicação possui um mecanismo ideológico próprio, mas apesar de cada veículo produzir um “real” diferente, é bom não esquecer que há neles um fundo comum de referência. A coerência da mídia é exatamente o que lhes dá credibilidade e aceitação. Segundo Ribeiro (2005):

O mito da objetividade, por mais que já tenha sido exaustivamente criticado pelos próprios jornalistas e pelos teóricos da comunicação, é um dos grandes responsáveis pela acolhida que o jornalismo tem. Ainda hoje, o seu discurso se reveste de uma aura de fidelidade aos fatos que nos leva a acreditar que o que “deu no jornal” é a verdade. Além disso, por mais que os estudiosos provem a não-objetividade jornalística, nunca poderão negar a sua ancoragem factual. Os meios de comunicação produzem uma ideia de história e como, no mesmo processo, constroem-se e legitimam-se como lugar social. (RIBEIRO, 2005, p. 117).

Ainda para Ribeiro (1998), os vínculos entre o jornalismo e a história, a atualidade e o passado, são muito mais estreitos do que parecem. Para ela, se a imprensa é negação do passado, já que jornais e revistas são feitos para comunicar os acontecimentos atuais, ela também é afirmação do passado, pois no presente utilizamo-nos dele para fazer referência a um fato histórico, por exemplo.

Os meios de comunicação têm um papel crucial na produção de uma ideia de história. Primeiro porque, ao mediar a relação

dos sujeitos com as transformações do seu cotidiano, produz, no âmbito do senso comum, sentidos para os processos históricos nos quais esses sujeitos estão inseridos. E segundo porque aponta, entre todos os fatos da atualidade, aqueles que devem ser memoráveis no futuro, reinvestindo-os de relevância. (RIBEIRO, 1998, p.03)

Barbosa (1996), afirma ao selecionar o que deve ser lembrado e ao esquecer o que deve ficar em “zona de sombras e silêncio”, os jornais se tornam, o que a autora denomina como “senhores de memória”. Para ela, o jornalismo se construiu como um lugar de imparcialidade. Assim, os periódicos são a expressão da verdade, isso porque representam o pensamento da sociedade. O jornal é também a própria verdade, pois impresso transforma-se em documento.

2.3 Gênero: “ Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”¹

A conhecida frase escrita pela francesa Simone de Beauvoir (1980), na sua obra *O segundo sexo*, dá nome à esse trecho de nosso trabalho que visa entender os lugares sociais destinados à mulher. Na introdução de sua obra, Beauvoir (1980) questiona: “O que é uma mulher?”, seguindo nessa linha, ela se pergunta se “ser mulher” é simplesmente possuir um útero dentro de seu corpo, e ao contrapor essa ideia, conclui que “todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade.” (p.13).

Em sua obra, Hall (2004) expõe acerca do impacto do feminismo. O feminismo surgiu em paralelo a outros movimentos libertários. Esses movimentos se opunham politicamente tanto ao capitalismo ocidental quanto à política estalinista do Oriente. Foi com os Estudos Culturais que as discussões provocadas pelo feminismo começaram a galgar seu espaço na sociedade.

¹ BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: A experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Segundo Escosteguy (2006), as primeiras produções que tratavam do feminismo apareceram aos poucos. Em 1976, mulheres influenciadas pelo *Women's Liberation Movement* começaram a questionar as suas posições dentro do centro de pesquisa em Estudos Culturais, assim, elas propuseram a criação de um grupo composto unicamente por mulheres, o que acabou acontecendo. Ali nasceu o *Women's studies group* do CCCS.

Esse grupo de estudos femininos publicou a sua primeira obra em 1978, intitulada *Women take issue*. Autoras como *Dorothy Hobson, Christine Geraghty, Charlotte Brundson, Angela McRobbie e Marion Jordon*, que foram as principais responsáveis pela publicação, defendiam que as mulheres deveriam ter poder sobre suas práticas de leitura.

Assuntos acerca dos estudos de gênero tem tido cada vez mais relevância dentro da nossa sociedade. Entretanto, a complexidade do tema ainda gera muitas dúvidas. Há uma confusão entre sexo e gênero. De acordo com Scott (1995), uma das maiores estudiosas de gênero, através do estudo e análise do gênero feminino, pode-se chegar a uma definição de como eram as mulheres de determinada época, traçando uma espécie de perfil identitário. Nesse sentido, temos por objetivo traçar um perfil identitário de como eram as mulheres da época, 1940, na cidade de Curitiba. Para ela, o que interessa são as construções culturais sobre as diferenças, e de que forma que elas sugerem uma posição hierárquica dentro da sociedade entre a mulher e o homem. Scott (1995) afirma que “[...] o gênero é uma primeira maneira de dar significado às relações de poder” (p.116), deixando claro que esse não é o único campo, mas que provavelmente constitui um meio de dar eficácia à significação de poder no Ocidente.

Ainda para Scott (1995), a definição de gênero pode ser explicada por uma dupla proposição: O gênero como elemento constituinte das relações sociais, baseado nas diferenças notadas entre os sexos, além da primeira forma de significação das relações de poder. Para ela, o gênero ainda é dividido em subpartes, todas interligadas. Esses quatro elementos seriam, os símbolos, culturalmente disponíveis, que evocam as representações simbólicas, os conceitos normativos, que colocam em evidência as

interpretações do sentido dos símbolos, a política, e a identidade subjetiva. De acordo com a autora, esses quatro elementos não ocorrem de forma simultânea, mas estão inter-relacionados.

Butler (2008, p.25) discorda das ideias de Scott (1995), que afirma que a divisão natural entre macho x fêmea está baseada, principalmente, em aspectos culturais. Segundo ela, tanto o sexo, quanto o gênero, são culturalmente construídos. Segundo Butler (2008, p.26), nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. Ela contesta as características ditas “naturalmente femininas”, principalmente a dupla sexo/gênero, que serviu às teorias feministas até meados da década de 1980, quando começaram a ser questionadas. Nesse sentido, desde a infância, há uma construção social acerca do sexo. A mídia muitas vezes contribui para essas construções, vendendo uma imagem de que existem coisas que são para meninos e coisas que são naturalmente destinadas às meninas.

Assim, Scott (1995), desfaz a ideia de que as coisas são naturais e mostra que os sujeitos foram moldados por discursos de poder acerca de suas diferenças sexuais. A partir de sua conceituação da palavra “gênero”, é possível enfatizar as diferenças sociais existentes entre homens e mulheres.

Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. “Gênero” é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre o corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, “gênero” tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (SCOTT, 1995, p. 14).

Para Muraro (1992), foi a sociedade patriarcal que criou e manteve a divisão entre a afetividade e a sexualidade, de forma que aos homens foi dado o direito de separar amor de sexo, e já em relação às mulheres, foi atribuída a função de reprodução, lhes privando do prazer sexual. Dentro da revista *Grain-fina*, isso era bastante notável, era socialmente permitido que homens tivessem relacionamentos extraconjugais, e, mesmo nesses casos a culpa seria

atribuída à mulher, que seria acusada de não estar cumprindo seu papel de esposa corretamente, e, assim, não teria direito a reclamar das atitudes do esposo.

Muraro (1992) ainda afirma que não se sabe exatamente o momento em que essa dominação patriarcal surgiu. Há indícios de que isso tenha ocorrido no mesmo período em que surgiu a divisão social do trabalho. Para ela, é nesse momento que as chamadas “características femininas” são atribuídas à mulher. Na *Gran-fina*, qualquer moça que apresentasse características que não fossem compatíveis com essas “características”, seria alvo de questionamentos.

Marx e Engels foram, contudo, os mais importantes pensadores de século XIX a analisar este tema. Em primeiro lugar, afirmam que a divisão sexual do trabalho dava origem a uma divisão social do trabalho, que por sua vez, levou a especialização. Nesta época o sexo feminino é também dominado, e a mulher fica reduzida ao âmbito do privado, a fim de fornecer maior número possível de filhos para arar a terra e defender a terra e o Estado. A competição, pois, pelas mulheres, pelos excedentes e pela propriedade foi pouco a pouco dando origem à supremacia masculina e a uma cultura competitiva. (MURARO, 1992, p.62)

Assim, a racionalidade, a força e a inteligência são atribuídos ao sexo masculino, enquanto a fragilidade, a delicadeza e o dom para cuidar do lar, do marido e dos filhos, são vistos como características femininas.

Na mídia, isso era, e ainda é, bastante perceptível. Os assuntos destinados ao público feminino são bastante diferentes daqueles destinados ao público masculino. Para eles, política, economia, mercado de trabalho, para elas, culinária, moda, dicas de como cuidar do corpo e do lar.

Dentro da revista estudada, os assuntos relacionados à Segunda Guerra Mundial, à política e economia curitibana, eram sempre destinados aos homens: “Caro leitor...”, iniciavam alguns textos, senão assim, ia-se direto ao assunto. Já para as mulheres, “Todas querem ser bonitas”, “Meu bebê é minha vida”, “Página do lar”, “Hora do *tricot*” e “Chá das cinco”, eram os nomes das

colunas e seções destinadas a elas. Respectivamente, uma coluna de beleza e conselhos, maternidade e dicas comportamentais, decoração, costura e culinária, além de contos românticos. Dentro de toda essa gama de edições pesquisadas, apenas a coluna “*Carnét* da mulher que trabalha” e raras matérias e reportagens, fugiam desse padrão temático feminino, e ainda assim, em se tratando de trabalho, a revista trazia conselhos comportamentais às mulheres, diferentemente do que acontecia com os homens. A linguagem utilizada pelo periódico também era diferente, buscava uma proximidade com suas leitoras: “Querida amiga...”, “Minha amiga...”, entre outros exemplos, estabeleciam essa diferença entre o tratamento destinado a homens e mulheres.

De acordo com Perrot (2007), um dos motivos que levaram as mulheres a serem menos vistas nos espaços públicos do que homens, foi a garantia de que isso manteria a tranquilidade das cidades. Segundo ela, as mulheres amedrontam. Sua voz amedronta, seu corpo amedronta. Assim, manter a mulher num espaço privado era garantia de manutenção da tal ordem que os governantes curitibanos tanto priorizavam na capital. Homens e mulheres desempenhando seus papéis “naturais”.

Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo. Entre os gregos, é a *stasis*, a desordem. Sua fala em público é indecente. (PERROT, 2007, p. 17).

Perrot (2007, p.13) diz que hoje “uma história ‘sem mulheres’, parece impossível”. Entretanto, durante muito tempo, toda a história voltou-se apenas para a figura masculina, e qualquer pesquisa debruçava-se exclusivamente sobre os homens. Isso é bastante perceptível nos meios de comunicação, onde o conteúdo, mesmo que destinado a mulheres, normalmente era produzido a partir de um ponto de vista masculino. De acordo com a autora, diferentes fatores tiveram influência sobre o advento do interesse acerca da história das mulheres. Fatores científicos, ocorridos por volta dos anos de 1970, ligados

principalmente à crise dos sistemas de pensamento (marxismo, estruturalismo), à modificação das alianças disciplinares (principalmente entre a antropologia e a história), aliada a proeminência da subjetividade; fatores sociológicos, que incluem a presença das mulheres nas universidades, tanto como estudantes, quanto como docentes; e fatores políticos, tais como o movimento de liberação das mulheres, desenvolvido a partir de 1970.

Para Rago (1998), a expansão do feminismo trouxe renovação no campo científico, pois a experiência histórica feminina é bastante diferente da masculina.

O feminismo não apenas tem produzido uma crítica contundente ao modo dominante de produção do conhecimento científico, como também propõe um modo alternativo de operação e articulação nesta esfera. Além disso, se considerarmos que as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina (...) é inegável que uma profunda mutação vem se processando, também na produção do conhecimento científico (RAGO, 1998, p. 23-24).

Assim, a pesquisa passou a voltar-se para a figura feminina, dando vez e voz a quem antes vivia à sombra masculina. Voltamos nossas atenções aos relatos sobre as mulheres, a partir das mulheres, e não mais a partir do ponto de vista masculino. De fato, essa perspectiva a partir do ponto de vista feminino é muito diferente do ponto de vista masculino. São posições sociais diferentes, assim, a história contada por eles, também terá suas diferenças.

Bourdieu (1998) defende a ideia de que a dominação de gênero se encontra no centro das trocas simbólicas e esta prática já é corporificada, podendo fazer como vítima tanto homens, quanto mulheres.

Quando tentamos pensar a dominação masculina, corremos o risco de recorrer ou nos submeter a modos de pensamento que são, eles próprios, produtos de milênios de dominação masculina. Queiramos ou não, o analista, homem ou mulher, é parte e parcela do objeto que tenta compreender. Pois ele ou ela interiorizou, na forma de esquemas inconscientes de percepção ou apreciação, as estruturas sociais históricas da lei masculina (BOURDIEU, 1998, p. 13).

Para o autor, é no corpo que estão inscritas as disputas pelo poder. O corpo é a primeira identificação de um recém-nascido, assim, ele é a materialização da dominação, já que o sexo define a posição de dominado ou dominador.

Dentro da revista *Gran-fina*, ficava explícito essa posição destinada ao sujeito desde seu nascimento. Se o filho fosse homem, o periódico sugeria brincadeiras que ele deveria praticar na infância: futebol, bolinha de gude, carrinho, entre outras, já se o casal tivesse uma menina, aconselhava-se a deixá-la brincar com bonecas, e assim que estivesse maior, ela deveria aprender as atividades típicas de uma dona de casa: lavar, passar, cozinhar, costurar, etc. na tentativa de corresponder ao perfil de “moça prendada” e encontrar um bom casamento. Dessa forma, assim que a criança nascia, seu papel já estava pré-definido.

Como a sociedade já estabeleceu esses papéis destinados a homens e mulheres, tem-se a impressão de que eles são naturais e qualquer perfil que fuja desses padrões é visto como um desvio à regra.

(...) a ordem masculina está tão profundamente arraigada que não precisa de justificação: ela se impõe como auto-evidente, universal (o homem, vir, é esse ser particular que experimenta a si mesmo como universal, que tem o monopólio do humano, homo). Ela tende a ser tida como certa em virtude da concordância quase perfeita e imediata que estabelece entre, por um lado, estruturas sociais, como as expressas na organização social do espaço e do tempo e na divisão social do trabalho, e, por outro lado, estruturas cognitivas inscritas nos corpos e nas mentes (BOURDIEU, 1998, p. 18).

Butler (2008), em uma de suas principais obras, *Problemas de Gênero*, busca problematizar as identidades de gênero masculina e feminina, numa tentativa de desvincular diferenças biológicas do comportamento que a sociedade espera de homens e mulheres, afirmando que esses comportamentos não são naturais, mas sim construídos através de regras sociais. Assim todas as formas comportamentais atribuídas a homens, como ser menos emocional, e mulheres, como ser passional, frágil, são comportamentos ditos não naturais. Para ela, “O gênero não deve ser

meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado”. (2010, p. 25). Havia, durante esse período, início da década de 1940, uma tendência de incentivo a esses comportamentos tidos, até então, como naturais de cada sexo. Desde a infância, havia uma separação das atividades que seriam desenvolvidas por meninos ou meninas.

Para Boschilia (2010), a partir da década de 1990, os estudos acerca das mulheres buscaram, através dos estudos de gênero, compreender a condição feminina inserida numa trama de relações sociais, dentro de uma conjuntura histórica, em que o feminino deve se reportar ao masculino, uma vez que é impossível compreendê-lo isoladamente. Dessa forma, a partir dos estudos de gênero passou-se a considerar a mulher enquanto ser histórico, gerado através de relações sociais.

A revista *Gran-fina*, assim como grande parte dos meios de comunicação, servia, e ainda serve, como um espelho daquilo que a sociedade espera de homens e mulheres. Se em alguns momentos a revista trazia perfis de mulheres que fugiam do modelo tradicional, na maior parte das vezes, esses perfis eram utilizados para mostrar ao seu público leitor, a forma como essas moças não deveriam ser. Uma espécie de mau exemplo. Já quando se tratava de figuras masculinas, por mais que alguns homens apresentassem comportamentos considerados incorretos, tais como casos extraconjugais, ou uma forma mais indelicada de tratar as mulheres, o principal conselho da revista era de que isso deveria ser relevado, pois fazia parte da “essência masculina”.

3. REVISTA *GRAN-FINA*: ESPELHO DA SOCIEDADE PATRIARCAL NA CURITIBA DA DÉCADA DE 1940

Durante o início da década de 1940, as revistas curitibanas tinham essa propriedade de introduzir comportamentos que eram esperados de seus leitores. No caso das colunas femininas, elas funcionavam como um manual de condutas que eram esperadas e também daquilo que não deveria ser feito para que elas se mantivessem dentro dos preceitos da moral e dos bons costumes, e, dessa forma, fossem respeitadas dentro da sociedade. De acordo com Bassanezi (2008), as revistas desse período traziam a reflexão de um consenso social sobre a moral e os bons costumes, promoviam valores de classe, raça e gênero dominantes naquela época:

Como conselheiras, fonte importante de informação e companheiras de lazer, as revistas influenciaram a realidade das mulheres de classe média de seu tempo assim como sofreram influências das mudanças sociais vividas – e algumas, também promovidas – por essas mulheres. (BASSANEZI, 2008, p. 609).

No início da década de 1940, período em que a revista *Gran-fina* circulou, Curitiba possuía 148.757 habitantes, de acordo com o Censo daquele ano, que estavam divididos entre vinte bairros. A capital paranaense era tida como uma das mais industrializadas do país, entretanto, a agricultura também representava uma importante base da economia. Essa característica da cidade ainda estar ligada à atividades rurais, influenciava muito nos modos de seu povo, em que se mesclavam características de cidade moderna e outras de cidade interiorana.

A ida à missa ou ao culto dominical era um ritual cumprido semanalmente por grande parte da população curitibana. Homens e mulheres, com suas melhores roupas de passeio, assistiam à missa em alas separadas. No lado esquerdo, ocupado exclusivamente pelas mulheres, a mistura do branco e preto dos véus diferenciava as solteiras das casadas, bem como o caimento da roupa e o porte definiam a classe social de

cada uma delas. Após a missa, os homens aguardavam na porta as esposas, noivas e namoradas e seguiam para casa a pé ou de automóvel, a fim de cumprir o restante do ritual de domingo. Depois do almoço com a família, os programas habituais, de acordo com cada faixa etária eram: matinê, futebol, ida ao clube, visita a parentes ou simplesmente repouso para enfrentar a semana seguinte. (BOSCHILIA, 2010, p.38).

Esses “hábitos”, típicos de cidades interioranas que foram trazidos para a capital, também eram perceptíveis quando o assunto era a imprensa paranaense. A predominância do público alvo das revistas era o masculino, entretanto, havia espaços dentro dos periódicos em que as mulheres eram o foco das matérias, normalmente em seções comportamentais.

Nesse período, com a crescente demanda de mão de obra, as mulheres começaram a conquistar seu espaço no mercado de trabalho. Segundo Boschilia (2010), a grande maioria estava ligada ao setor industrial, onde correspondiam a cerca de 11,4% dos mais de 12 mil trabalhadores ligados a esse setor. A maior parte dessas mulheres que começavam a despontar no mercado de trabalho vinham de classes econômicas mais baixas, e eram, quase em sua totalidade, moradoras dos subúrbios curitibanos.

Segundo Boschilia (2010), havia, por parte dos governantes da época, um interesse na construção de uma imagem de cidade próspera e ordeira, em todos os sentidos, que englobavam desde o sentido político até o familiar. Apesar de já ser possível encontrar a figura feminina no mercado de trabalho, a imagem de “ordem” que persistia na cidade fazia com que os espaços urbanos ainda tivessem sérias restrições ao que seriam lugares permitidos à mulher, e outros onde elas não eram bem vindas, ou, caso frequentassem, não seriam bem vistas.

As mulheres, com exceção daquelas que utilizavam a própria rua como espaço de trabalho, sofriam limitações não só de horário, mas também de acesso a determinados locais. As confeitarias, principalmente aquelas que vendiam bebidas alcoólicas eram um exemplo típico de espaço proibido às mulheres [...] o acesso das mulheres a estes locais só era permitido se ela estivesse acompanhada por um homem. (BOSCHILIA, 2010 p.39)

Segundo Pena (*apud* Boschilia, 2010), o início da industrialização no Brasil caracterizou-se pela pouca mão de obra disponível, o que possibilitou a entrada das mulheres de classe mais baixas nos espaços industriais.

É importante observar que o Código Civil de 1916 legitimou a posição do homem como chefe da família. Nesse sentido, até 1943 o trabalho feminino deveria ser autorizado pelo homem da família. Entretanto, por mais que a autorização lhe fosse concedida, o trabalho feminino não era visto com bons olhos. Segundo Boschilia (2010), o trabalho industrial feminino era visto como a causa de problemas de ordem familiar e social.

Não obstante, no Brasil, desde o final do século XIX o trabalho industrial da mulher foi alvo de críticas feitas por autoridades sanitárias e policiais, educadores, políticos, imprensa e operariado. Esse discurso era utilizado de forma a responsabilizar o trabalho industrial feminino pelos problemas de escolarização, delinquência, mortalidade infantil, desemprego e desintegração familiar. Nessa perspectiva, o trabalho industrial feminino poderia ser responsabilizado pelos problemas criados pela própria organização do sistema, que mantinha inalteradas as condições de vida e trabalho do operariado. (BOSCHILIA, 2010, p. 43-44).

Trindade (1996), assevera que o discurso de alguns grupos curitibanos, que se empenhavam na tentativa de reorganizar a sociedade como progressista, fizeram a cidade se modernizar e possibilitaram aberturas sociais para inclusão da figura feminina, entretanto, ao mesmo tempo, ainda há um conservadorismo, ligado, principalmente a posições católicas e a outros grupos reacionários que buscavam impedir a presença feminina em espaços sociais.

Nesse momento em que a cidade avança no sentido de sua “modernização” e amplia suas opções de lazer e áreas de trabalho, a discussão sobre a expansão da participação feminina impregna-se das propostas que acompanham esse novo universo progressista e liberal. (TRINDADE, 1996, p. 147).

O cotidiano de Curitiba, durante a Segunda Guerra Mundial, de acordo com Boschilia (2010), refletia, mesmo que indiretamente, o maior acontecimento histórico do século XX. Desde o seguimento do entretenimento, como o rádio, que por conta do decreto-lei 4.098, era obrigado a transmitir comunicados do Serviço de Defesa Passiva Anti-aérea, passando pela Literatura, com lançamentos de livros que tratavam da temática da guerra, e chegando, até mesmo, à moda da cidade, que com a escassez de tecidos finos mudou toda a rotina de trabalho das modistas da cidade, o que fez com que novas lojas de roupas já prontas viessem se estabelecer na capital paranaense.

Nos cinemas, que se tornaram uma das principais opções de lazer do povo curitibano na época, de acordo com Boschilia (2010), quase todos os filmes exibidos faziam referência à guerra. E assim como o rádio, antes de cada filme era exibido um cine-jornal que mantinha os curitibanos à par dos principais acontecimentos. Além disso, o espaço do cinema era utilizado como uma área de convivência, principalmente por crianças, que se encontravam para brincadeiras e trocas de gibis.

Apesar das dificuldades no campo econômico e das diferenças étnicas e ideológicas existentes, a população, de maneira geral, obedeceu às determinações estabelecidas pelo governo e exército, procurando adaptar-se às novas condições de vida, de maneira consciente e solidária. Após a partida dos soldados brasileiros, convocados para lutar na Itália, o desejo de que a guerra terminasse o mais depressa possível tomou conta das pessoas. (BOSCHILIA, 2010, p. 59).

A *Gran-fina*, assim como outros meios de comunicação, também destinou muitas páginas para repercutir assuntos relacionados à Segunda Guerra Mundial. A maior parte das matérias e reportagens era produzida por agências e tentavam deixar o leitor a par dos últimos acontecimentos na Europa.

De acordo com Trindade (1996), independente de grupo social, das origens culturais e das crenças religiosas, todos os grupos curitibanos viam a mulher com vocações domésticas, de modo que a mídia local evidenciava essa

visão acerca da figura feminina de ser frágil e superficial, e de ter preocupações relacionadas apenas à aparência e à moda.

Em 1940, segundo Boschilia (2010), cerca de 78% das moradoras de Curitiba ocupavam-se com atividades domésticas. Os outros 22% estavam divididos entre a área de serviços, o setor agrícola e industrial e o funcionalismo público.

Depois destas a ocupação feminina mais frequente estava na área de serviços (4,8%). A preferência das mulheres por essa atividade é facilmente explicada pelas condições favoráveis em que ela pode ser exercida. Primeiramente, porque possibilita que o trabalhador continue tendo certa autonomia, podendo dispor do seu tempo livremente e, por consequência, facilitando a associação do trabalho profissional com os afazeres da vida doméstica (BOSCHILIA, 2010, p. 57-58)

Boschilia (2010) nos traz a informação de que entre os anos de 1935 e 1945 o custo de vida triplicou em Curitiba. Esse aumento no custo de vida trouxe a necessidade de se ajudar no orçamento de casa, o que levou muitas moças a procurarem um emprego. Entretanto, havia uma parcela bastante significativa de mulheres em boas condições financeiras que também adentraram o mercado de trabalho.

O próprio discurso (do momento) tinha uma viés que permitia a presença no espaço do trabalho daquelas mulheres que não possuíam quem as sustentasse. Em Curitiba, como nos outros centros, era grande o número de mulheres que precisavam trabalhar para sobreviver ou auxiliar no sustento da casa. Contudo, uma parcela significativa das jovens empregadas na indústria, principalmente no setor têxtil, não se enquadrava necessariamente nesse perfil. (BOSCHILIA, 2010, p. 118).

Essas moças ligadas às classes média e alta, classes que correspondiam ao principal público leitor da *Gran-fina*, ocupavam vagas de trabalho que exigiam maior escolaridade e menor trabalho braçal. No geral, empregos como

de secretária, foram os mais procurados por essas mulheres, que deveriam saber ler e escrever, além de datilografar.

Se as moças de classe média e alta correspondiam ao principal público leitor da *Gran-fina*, de um modo geral, as revistas adquiriram um tom feminino. Para Scalzo (2008), a revista vai além de um mero meio de comunicação. Segundo a autora, ela é um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento, embora todas essas definições sejam pouco ainda para definir tal mídia. Scalzo (2008), ainda salienta que a revista conseguiu uma proximidade com o leitor que os jornais nunca conseguiram ter: “[...] em primeiro lugar, revistas são objetos queridos, fáceis de carregar e de colecionar. São também boas de recortar, copiar: vestidos, decorações, arrumações de mesa, receitas de bolo, cortes de cabelo, aulas, pesquisas de escola, opiniões, explicações [...]”. (SCALZO, 2008, p.12).

De acordo com a autora, os motivos pelos quais esse “relacionamento” entre a mulher e a revista aconteceu são os mesmos citados por Scalzo (2008), pois as revistas de variedades começaram a utilizar uma linguagem mais pessoal, “conversando” com seus leitores e, nas seções femininas, essa diferença na linguagem era ainda mais notável.

De acordo com Buitoni (1990), há uma clara divisão entre os assuntos e publicações destinados às mulheres, e aquelas destinadas ao público masculino. Entretanto, para a autora, essa distinção não ocorreu a tanto tempo, já que a ideia de público é uma conceituação recente.

Embora lidos predominantemente por homens – os únicos letrados que lhes tinham acesso – os jornais eram destinados à pessoas de ambos os sexos. Não existia uma imprensa masculina. Aliás, não havia a ideia de público da forma como hoje se entende. Não nos esqueçamos de que público é uma conceituação deste século, e ligada quase sempre a várias camadas sociais. Enquanto a imprensa feminina teve em vista desde logo a mulher, a imprensa masculina, dirigida ao homem, só veio a constituir-se bem depois, em função da segmentação de mercado. (BUITONI, 1990, p. 07)

Ainda para Buitoni (1990), a gama de assuntos que tangem o universo feminino é bastante grande, mas normalmente os temas estão relacionados ao

universo doméstico. “tudo parece caber dentro da imprensa feminina. Sua área de abrangência parece infinita” (Buitoni, 1990, p. 08). Isso é bastante perceptível em nosso objeto de análise, onde os assuntos considerados mais importantes são destinados aos homens e os assuntos mais “banais” são direcionados às mulheres.

A revista *Gran-fina* foi criada em Curitiba no ano de 1940. Sua primeira edição circulou no mês de Agosto do referido ano. A publicação era quinzenal, salvo alguns meses em que apenas uma edição foi lançada. A revista trazia assuntos de ordem nacional e internacional, com destaque para acontecimentos que mexiam com o cotidiano da capital paranaense.

Imagem 1 – Revista *Gran-fina*, nº1, 1940.



Fonte: Biblioteca Pública do Paraná (Fotografado pela autora)

A maior parte de suas publicações não eram assinadas. Entretanto, alguns textos de opinião e em algumas colunas, onde se buscava uma proximidade com o leitor, traziam o nome, ou pelo menos o sobrenome do responsável pelo texto. Muitas edições também traziam contos e poemas, que normalmente eram assinados. Algumas colunas, como a “Todas querem ser

bonitas”, eram assinadas por pseudônimos, e nesse caso, por se tratar de uma coluna destinada ao público feminino, esse pseudônimo era de uma mulher, na tentativa de buscar proximidade com suas leitoras.

A maior parte do público leitor da revista *Gran-fina* era de classe média a alta. O periódico não trazia isso de maneira explícita, porém, a se considerar as características da época, a temática abordada e as características das pessoas que aparecem na revista, percebe-se que ela se dirigia a um público com maior poder aquisitivo e com influência dentro da sociedade. As publicidades estampadas nas páginas da publicação também deixavam claro que se tratava de um público leitor de alta classe. Havia propagandas de lojas de roupas finas, chapéus indicados para as senhoras usarem em prêmios de Turfe, tecidos importados, entre outros.

O próprio nome da revista nos remete a algo ligado a alta classe. A palavra “granfino” significa “alguém que pertencente a alta classe” ou “alguém fino e elegante”. Nesse caso, podemos subentender que a própria revista se via como pertencente às classes superiores.

No interior da *Gran-fina* se mesclavam páginas coloridas (em uma cor só, normalmente azuis, amarelas, laranjadas ou vermelhas) com páginas em preto e branco. A parte imagética da publicação era bastante pobre. Quase não há imagens além dos anúncios publicitários, e quando as fotos existem, elas raramente estão de acordo com o texto. Além disso, ao longo das edições algumas imagens se repetem. As capas da publicação variavam bastante, algumas traziam o título “*Gran-fina*” em destaque, em fonte grande, e com letras estilizadas, em outros casos, o título vinha em fonte bem menor, localizado no canto superior ou inferior, dando menos destaque à publicação. Muitas vezes, esse título em fonte menor, com menos destaque, era consequência das publicidades, que por diversas vezes ocuparam a capa da revista.

Imagem 2- Revista *Gran-Fina*, nº15, 1940

GRAN-FINA

REDAÇÃO: EDIFÍCIO AVENIDA SALAS Nº 201 TRAV. OLIVEIRA DELO

DIREÇÃO DE A. BERRIO CASAL

ASSISTENTE SECRETÁRIO: CORLAO JUREK

ANO I - Nº 15

CURTINA, 30 DE NOVEMBRO DE 1940

NUMERO CRISTO 100 000

INSTANTANEOS



Zu e o Meu Simbolismo

Não se acha viva a sua realidade viva e a sua alma consciente, por dentro da fantasia descontrolada de sonhos fantasmas, embora representada de perfil de bronze e olhos de alumínio.

... ..

Não viveu além disso, ao espírito regular e ordenadamente se agarrando, como um ídolo fantástico. Mas apenas fantasmas das mesmas coisas, como um símbolo, mas gestos contados em gravidade, pelas paredes brancas de meu apartamento sem flores.

... ..

Eu: Por que não tentado lerida não gestos no símbolo claro e sentido das minhas gravuras "Desconhecidas"?

... ..

Não viveu lá sua alma e seu perfil, não materializados, apenas gestos de dar ao momento, como um símbolo, como um verso de bronze no alto gesto sentido.

... ..

Não se acha percebido não em não está espírito de brônze e sua realidade e transcendência de realidade, mas gestos não de expressão de apartamento que é a sua alma.

... ..

Não representa dizer eu meu apartamento sentido e vida que se acha dentro da fantasia, travessuras em paredes de fantasia, ultravioleta a minha alma não representada, visto como símbolo separado de quem que faz.

... ..

Ele próprio tem modo de minha descoberta, contemplando e sentindo a história da realidade na tríplice separada de meu apartamento.

ARTEMIS SERRA

O LOUVRE - iniciará no próximo dia 9 de Dezembro

A mais sensacional venda de Natal!...

Sedas e mais sedas, a preços de pasmar

Fonte: Biblioteca Pública do Paraná (Fotografado pela autora)

Imagem 3 - Revista *Gran-Fina*, nº 18, 1941

1848

FRIVOLA CITY

... das mulheres, interessantes, encantadoras, maravilhosas, que...
 ... a beleza e a graça...
 ... a beleza e a graça...

ADRIANA C. ANSELMI — *Princesa*
 ... a beleza e a graça...
 ... a beleza e a graça...

Algumas vezes os imbecisíssimos...
 ... a beleza e a graça...

C. FERREIRA — *Uma mulher*
 ... a beleza e a graça...
 ... a beleza e a graça...

Visitem a
CASA DAS MEIAS

Bar Triângulo
Ponto noturno
 O ponto preferido pela público. Especialidade de *café-cachorro-quente*, *salada de batata-frita*, *chopp*, *balas*, *cervejas*, *guaranás*, *gatinhos*, *peixe-asso*, *rolinhos*, etc.
 RUA 15 DE NOVOEMBRO n.º 38
 TEL. 6-6-6

Nicolau Mäder & Cia.
 FABRICAS DE ERVA MATE
 — Fundadas em 1838 —
 Premiadas com varias medalhas de ouro
 Códigos | ADC. BENTLEY-RIBEIRO
 BORGES E MASCOTE.
 Matriz: CURITIBA-PARANÁ
 — R R A S I L —
 Caixa Postal. 104
 Rua João Negrão, 1201-1271
 End. Teleg.: M A D E R

CESEM RECLAMES SEM NEXO.
A CERVEJA PREDILETA.
PRA O FORTE E PRA O FRAGIL SEXO,
E' SEMPRE, SEMPRE A S E L E T A !

O RISO DE LISZT
 ... a beleza e a graça...
 ... a beleza e a graça...

Mário Desvilliers procura um...
 ... a beleza e a graça...
 ... a beleza e a graça...

Fonte: Biblioteca Pública do Paraná (Fotografado pela autora)

A revista possuía, na maioria das vezes, entre 20 e 30 páginas, trazia muito material publicitário, normalmente de estabelecimentos localizados em Curitiba ou na região metropolitana. Além disso, ela não seguia uma linearidade em relação a sua estrutura, salvo algumas colunas fixas, a maioria era aleatória. Havia alguns casos em que uma nova sessão ou coluna era anunciada na revista, mas depois de uma ou duas edições ela era descontinuada. Normalmente, isso acontecia com colunas que tinham como objetivo tratar de assuntos do dia-dia, ou então colunas sociais, que traziam figuras importantes da sociedade curitibana.

Apesar do título feminino, como já mencionamos, ela tratava de generalidades, política, economia, colunas sociais, e claro, assuntos referentes à Segunda Guerra Mundial, já que durante todo o tempo em que circulou, a guerra estava a pleno vapor. Entretanto, historicamente a revista foi considerada como um veículo de mídia essencialmente feminino, enquanto o jornal foi tido como um meio masculino. Assim, as mulheres “se encontraram” na revista, o que levou muitas publicações a inserir conteúdos pensados para elas. Segundo Buitoni (1990, p.17), a revista funcionou como uma espécie de feminização da imprensa, pois: [...] "Lazer e um certo luxo foram-se associando à ideia de revista no século XX. E a imprensa feminina elegeu a revista como seu veículo por excelência".

Huyssen (1996) nos explica que a mulher do século XIX até o século XX era vista pela sociedade como emocional, frágil, passional, percepções que foram absorvidas pela mídia e propiciaram o surgimento de seções nas revistas que trouxessem aquilo que se esperava dela. Para este autor, a cultura de massa está associada à mulher, enquanto o homem está ligado à cultura real, ou seja, algo que é socialmente mais aceitável, ou verdadeiro e que se torna digno de ser lido. Dessa forma, afirma que o estereótipo feminino foi reforçado a partir dessa cultura, uma vez que a difusão de determinado tipo de conduta a ser seguida tornava-o algo legítimo:

De qualquer forma, a representação de uma cultura de massa inferior como feminina caminha de braços dados com a emergência da mística masculina no modernismo, o que tem sido exaustivamente documentado pelas teóricas feministas. O que é interessante na segunda metade do século XIX, porém, é um certo efeito-chave de significação: da obsessivamente declarada inferioridade da mulher como artista. (HUYSSSEN, 1996, p. 49).

De fato, as colunas destinadas à mulher dentro da *Gran-fina* seguiam esse padrão identificado por Huyssen (1996). A coluna “Todas querem ser bonitas” trazia dicas de beleza e de comportamento para as moças da sociedade curitibana. É perceptível que já havia um culto à beleza explícito nas matérias. A coluna “Hora do *tricot*”, mais comum na revista já em sua fase final,

trazia dicas de costura para mulheres. A “Meu bebê é minha vida”, ao contrário do que possa parecer, tratava da vida doméstica em geral, e não somente de maternidade. Dentro dessa seção haviam muitos conselhos às mulheres, além de esporádicas perguntas de leitoras acerca de dúvidas domésticas. Receitas e dicas para facilitar o trabalho dentro de casa também eram muito comuns. A seção “Página do lar” tratava especificamente de decoração, entretanto, a linguagem empregada deixava claro que a revista considerava aquela uma seção feminina do periódico. A “*Carnét da mulher que trabalha*” era uma coluna que se destinava a mulheres que estavam no mercado de trabalho ou então que pretendiam trabalhar. Ela trazia conselhos de como “manter a dignidade” no ambiente de trabalho, e sobre quais características as mulheres deveriam procurar ter, ou destacar, para conseguir se firmar no emprego. Todas essas colunas se utilizavam de uma linguagem que buscava proximidade com as leitoras, numa espécie de “conversa” entre publicação e público leitor.

A revista não manteve uma identidade visual fixa ao longo dos anos de sua existência. Entretanto, da metade do ano de 1941 para frente, ela passou por muitas transformações, onde a mulher ganhou mais espaço em suas páginas, que aumentaram também, passando a ter sempre mais de 30 páginas. Se antes ela se denominava apenas como “*Gran-fina*”, ela passou a se chamar “*Gran-fina: magazine ilustrado*”. A partir dessas mudanças ocorridas, também é perceptível que a mulher como escritora e jornalista também passa a ter mais abertura dentro dessa nova fase.

Com a transformação ocorrida, sua identidade ficou muito mais linear entre uma edição e outra. Se antes colunas surgiam e desapareciam a cada edição, depois disso, elas se mantiveram, e trouxeram uma variedade maior de assuntos debatidos dentro da publicação.

3.1 Mulher e Família: O prevaecimento dos papéis tradicionais

Durante o início da década de 1940, a mídia curitibana começava a dedicar espaços à figura feminina. Como ainda eram poucas as mulheres

alfabetizadas e que tinham acesso às revistas, o público leitor das principais publicações, e neste caso especificamente, da revista *Gran-fina*, era composto principalmente por mulheres de classe média e alta. Neste capítulo, nosso objetivo é tratar da relação mulher e família, começando pela infância, a obediência aos pais, chegando à juventude, o processo de noivado, o casamento, a maternidade, até chegar à velhice.

Para Kellner (2001), a cultura da mídia incentiva os indivíduos a adotarem determinados padrões de conduta e modos de pensamento. Segundo o autor, a cultura da mídia invade o cotidiano individual, domina o tempo de entretenimento e molda comportamentos sociais com seus sons, imagens e espetáculos. E, com isso, fornece subsídios para a formação de identidades:

Numa cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebida de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar – e o que não. (KELLNER, 2001, p.10).

Na década de 1940, isso não era diferente. As revistas da época vendiam um estilo de vida e tentavam moldar o comportamento, principalmente das mulheres. O que se via nas páginas da publicação era uma grande disparidade entre homens e mulheres. Aos homens, era dada valorização sobre tudo o que pensavam e faziam, às mulheres, lançavam-se olhares de repressão, colocando-as como abaixo da figura masculina.

Embora as coisas começassem a mudar no início da década de 1940, com o despontar da mulher no mercado de trabalho, e o começo da aceitação disso, os modelos de família tradicionais ainda vigoravam e eram exaltados pela mídia da época. No geral, a chamada família “perfeita” era constituída pelo pai, a quem era resguardada a função de trabalhar e sustentar a casa, a mãe, que ficava responsável pela criação dos filhos, o cuidado com o lar e com o marido, e que mesmo se estivesse no mercado de trabalho, ainda deveria cumprir todas essas funções, e os filhos, que deveriam estudar, e no caso das

meninas, a partir de certa idade, já deveriam a começar a aprender as funções de dona de casa, pois ainda se valorizava muito que as moças fossem “prendadas”. Predominava a ideia de que a função de pensar deveria ser resguardada ao homem, enquanto a mulher, tida como frágil e emocional, tinha como destino natural cuidar de sua família.

Lipovetsky (2000) apresenta algumas percepções a respeito da mulher em diferentes períodos histórico-culturais, traçando basicamente três perfis. O primeiro é a mulher dos tempos primitivos, que exercia praticamente os mesmos trabalhos que o homem. Já o segundo diz respeito à mulher submissa, aquela que passa a apresentar uma feminilidade maior, mas que é considerada inferior ao homem. Nesta caracterização, enquadra-se a mulher da década de 1940, cuja identidade voltava-se para a posição de filha, mãe e esposa, o que era refletido pelas publicações da revista.

A “terceira mulher”, como define Lipovetsky (2000), é a dos dias de hoje, aquela que consegue aliar características do primeiro perfil, ou seja, desenvolver trabalhos iguais aos do homem, com características da segunda, pois não perde os referenciais femininos e a busca da sua construção identitária a partir do outro, aquela que passa a ter poder sobre seu corpo, sem perder o poder da sedução. Além disso, as diversas transformações ocorridas na sociedade, ao longo dos anos, são determinantes para a contínua formação da identidade da nova mulher. Em alguns momentos, é perceptível observar um discreto surgimento dessa terceira mulher de quem Lipovetsky demonstra. Nos momentos em que a revista traz perfis diferentes, de mulheres que fogem às regras da sociedade da época, mesmo que considere essas figuras como exemplos de como não ser, essa terceira mulher começa a despontar.

Lipovetsky (2000), ainda, evidencia como um dos momentos marcantes na trajetória histórica feminina o início da Era Moderna, que sacraliza os papéis de esposa, mãe e educadora, predominantes ainda na década estudada. Embora a participação feminina no mercado de trabalho crescesse, o único trabalho valorizado era aquele feito fora de casa, e pelo homem. Trabalhos domésticos e criação dos filhos ficavam a cargo da mulher e eram vistos como obrigação.

Segundo Buitoni (1990), quase não há revista que não trate de temas ligados ao amor, uma das vertentes do tema comportamento, que pode ter diferentes enfoques, seja o romance, o melodrama, a análise ou o sexo. E com as publicações paranaenses não era diferente, de forma direta ou indireta, o assunto relacionamento sempre vinha à tona. Uma coluna em específico, que esteve presente em praticamente todas as edições da revista, desde sua criação, e que sempre trazia assuntos relacionados ao tema do coração, era a “Todas querem ser bonitas”, um espaço assinado por alguém que se utilizava do codinome “Madame Elena”, uma consultora sentimental e de beleza. A coluna servia como uma espécie de manual de como a mulher deveria se vestir, se maquiar, se pentear, de modo a estar dentro dos padrões de beleza da época, que em muito se pareciam com os padrões adotados pela indústria hollywoodiana. Em alguns textos da coluna, é possível perceber que a mulher que não seguisse tais padrões era acusada de não estar se esforçando para encontrar um bom marido, ou então para estar bem apresentável na sociedade. Nas primeiras vezes em que a sessão esteve presente na revista, havia um *slogan* que determinava a quem a coluna era destinada: “Esta secção é um consultório para gente velha, gente moça, feias e bonitas”. (Revista Gran-fina, 1941, p. 06).

Na coluna em questão, abria-se espaço para que as leitoras enviassem dúvidas e pedidos de conselho para a revista. Na maior parte das edições, essa pergunta não é transcrita na coluna. Madame Elena, a quem cabia a função de responder essas leitoras, apenas citava, por vezes, o nome da leitora, e qual havia sido o conteúdo da carta recebida.

Seja amiga do seu esposo. Deixe-o viver sua vida. Seja uma boa esposa e nunca deixe-o mais estressado quando chegar em casa. Se ele vai para casa é para descansar, e é obrigação feminina ajudar-lhe nesta tarefa. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 11).

Desde cedo, as meninas eram preparadas para cumprir funções dentro de casa. A revista incentivava a manutenção desses papéis tradicionais. Em algumas colunas, como era o caso da “Meu bebê é minha vida”, por vezes

incentivava-se que as meninas, desde a infância, tivessem contato com o trabalho doméstico e com atividades como corte, costura e bordado.

Uma menina com seus 6, 7 anos já é capaz de aprender a preparar pratos simples na cozinha. Também é importante que aprenda desde cedo, atividades como a costura, o bordado e o tricot ou crochet. Ao ensinar isso às pequenas, ela poderá, no futuro, encontrar um bom marido com maior facilidade. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 22).

As funções sociais delegadas às mulheres eram, dessa forma, definidas desde cedo. Enquanto a revista aconselhava as mães a ensinarem afazeres domésticos desde cedo às filhas, aos meninos aconselhava-se ensinar matemática e assuntos referentes à administração dos bens da família.

Os meninos podem, desde cedo, ter contato com a complexa matemática que envolve as contas da família. Além disso, nada impede que, desde a infância, eles sejam uma espécie de auxiliar do pai, entendendo como funciona a administração dos negócios e dos bens da família. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 13).

Assim, fica claro a preparação, que desde cedo, visava formar moças prendadas, boas donas de casa, não havia incentivo para que a criação das filhas visasse a futura entrada delas no mercado de trabalho. Por outro lado, assuntos considerados de maior importância eram destinados aos meninos, seguia-se a clara divisão de que Huyssen (1996) aponta: assuntos banais vistos como assuntos femininos e temas importantes, seriam temas destinados ao público masculino.

A entrada das crianças no colégio também foi lembrada pela *Gran-fina*. Em uma matéria intitulada “As crianças foram para a escola. E agora?”, que debatia o que as mulheres poderiam, ou deveriam, fazer com o tempo disponível que teriam no momento em que os filhos estivessem estudando. Os conselhos dados incentivavam as mulheres a cumprir atividades para agradar o marido, quando este chegasse “cansado e estressado do trabalho, precisando da ajuda de sua companheira para relaxar”.

Uma casa perfumada, assim que o marido abre a porta, chama atenção e demonstra cuidado com o lar. Também é importante não esquecer de que ele chegará com fome, então, um jantar elaborado, que mostre o quanto você se preocupa com sua família, fará toda diferença. A moça também não deverá esquecer-se de apresentar-se bem vestida e bem maquiada. Com as crianças na escola, tempo não lhe faltará, então, nada de desculpas! (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.24).

Quando as meninas chegavam à puberdade, a coluna “Meu bebê é minha vida” aconselhava as mães destas meninas a conversarem com suas filhas, deixando-as a par de todas as mudanças que ocorreriam a partir daquele momento. Nota-se que o periódico aconselha que os pais das meninas não deveriam ser “incomodados” com tal informação. Isso vem de encontro ao que Buitoni (1990) fala à respeito dos assuntos que, historicamente, foram separados entre femininos e masculinos. Para os homens, assuntos como economia, política, negócios em geral, para as mulheres, tudo o que estivesse relacionado ao lar, além de beleza e comportamento.

Assim que as regras da menina aparecerem, é o momento ideal para se conversar sobre todas as mudanças que começarão a acontecer no corpo. Esse é um momento entre mãe e filha. Ensine-a sobre higiene, converse, mas não incomode seu marido com tal assunto, já que se trata de um assunto feminino. Se tiveres um filho homem, caberá ao seu marido conversar com ele quando a idade crítica chegar. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 30).

Por meio da análise de revistas do começo da década de 1940, fica claro que, de acordo com a imprensa da época, casamento era o principal anseio que rondava as moças de então. Para “arranjar um bom partido”, o sonhado príncipe encantado, a forma de se posicionar socialmente era fundamental. Para se inteirar dos “truques” dessa árdua missão, nada mais confortável do que aprendê-los através das páginas de uma revista, em que os “manuais” já estavam prontos, e, portanto, bastava colocá-los em prática. A mídia impressa da época “cobrava” um perfil que deveria ser seguido pelas mulheres, fosse no campo pessoal ou profissional.

O discurso jornalístico estampado nas revistas daquele período produzia sentido a respeito de determinados modelos de mulher. Podemos falar em uma criação de uma espécie de disciplina corporal feminina, já que o convencimento passava pela argumentação de que, para ser aceita ou se enquadrar nos parâmetros sociais e morais vigentes, era necessário comprar, consumir, se comportar ou ser da forma apresentada pelos diversos meios de comunicação vigentes. Ela estava em constante observação e pressão para ser aceita, seja o seio familiar, seja em âmbito social.

De nada há de adiantar ser naturalmente bonita, ter uma boa pele e bons dentes, se a moça não cuida de sua higiene. Nenhum homem há de se interessar por uma pessoa que não cuida bem do próprio corpo, pois, ela com certeza não cuidará do lar e do esposo. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p. 15)

Devem, as moças, dedicar-se a manter uma boa imagem perante a sociedade. Nada de exageros, para não parecer espetaculosa, mas também nada de ficar apenas em casa, ou não conhecerá um bom partido, a não ser por um milagre do destino. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p.18).

Havia um medo constante que rondava as famílias acerca da possibilidade das moças ficarem mal faladas, ou mal vistas, dentro da sociedade. Nas páginas da *Gran-fina*, mais especificamente na coluna “Todas querem ser bonitas”, sempre eram respondidas questões acerca do assunto. Madane Elena, a responsável pela coluna, trazia dicas e conselhos sobre o assunto. Apesar do nome, as dicas englobavam muito mais assuntos relacionados ao comportamento do que de beleza, especificamente.

Maria Elena – A sua pergunta sobre se é aconselhável uma moça viajar só, em caso de necessidade, é dessas que não se encontra dificuldade alguma para responder. Em tais casos, não se pode criticar uma jovem viajar só, principalmente se ela é bonita e discreta. Viajar só, não faz mal algum, desde que a viajante saiba porta-se convenientemente, isto é, com discrição e austeridade. Existem criaturas, que mesmo acompanhadas em viagens, dão a impressão de que estão sosinhas, pela

ausência de atitudes sóbrias e elevadas. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 06)

Curitiba, como já dito, era uma das cidades mais industrializadas do país, mas procurava manter ares de cidade do interior. Nesse sentido, a religião era algo bastante presente no dia-dia do município. Os mandamentos da Igreja Católica e os mandamentos da bíblia eram algumas das leis que regiam a população da época, composta principalmente por famílias adeptas ao catolicismo. Dessa forma, o casamento era um dos sacramentos que deveriam ser respeitados, a ideia de que aquilo que Deus uniu o homem não poderia separar era veiculada em todas as mídias. Mesmo que a mulher não estivesse satisfeita com seu matrimônio, mesmo que tivesse casado por obrigação, a sugestão era de que deveria permanecer fiel e junto ao marido até que a morte os separasse.

Carmencista – A senhora diz que é casada há dois anos, que tem um marido que a trata com toda cortezia, que nada lhe falta em casa, mas que sente um imenso deserto em seu coração. Quando uma moça, casada há dois anos, sente o coração vazio deve procurar enchê-lo de ilusões lindas, pensar que a vida não é tão feia como querem que ela seja... (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 06)

Uma das seções da revista que mais permitem entender quais eram as atitudes que se esperavam de uma típica curitibana, era a “Meu bebê é minha vida”. Apesar do nome, ela não tratava apenas do tema maternidade, mas sim de como as mulheres deveriam se portar, de um modo geral, diante de diversos assuntos do dia-dia. Era muito comum que se falasse sobre as formas de como as filhas deveriam agir com seus pais, de como as esposas deveriam ser com seus maridos, e, claro, de como elas deveriam se portar quando chegassem à fase da maternidade. A figura feminina era vista pelo periódico como abaixo do homem. Dessa forma, as mulheres, desde o seu nascimento, estavam condicionadas a sempre receberem ordens vindas de um homem, primeiramente de seus pais, depois de seus esposos e, quando se tratava de uma mulher que estava ingressa no mercado de trabalho, de seus chefes.

Assim, seu papel passaria de boa filha para boa esposa, boa mãe e boa empregada. É possível encontrar indícios de que haviam mulheres que fugiam desse padrão, mas, nesta seção elas eram utilizadas como um “exemplo do que não ser”, e estes perfis estavam presentes em charges e textos que criticavam essa postura decidida e independente das mulheres.

Cabe à mulher a tarefa de cuidar para que o lar seja um lugar feliz. Uma criança bem cuidada, bem alimentada e limpa, a casa em ordem e um marido bem recebido depois do trabalho, são as chaves para a felicidade do lar. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p.22).

Após as mudanças ocorridas na revista, a sessão “Meu bebê é minha vida” passa a apresentar um subtítulo: Consultório das mães. A partir daí, os assuntos relacionados à maternidade são separados dos assuntos que tratavam da vida de dona de casa de uma maneira geral. Desse momento em diante, a coluna passou a apresentar muitas dicas destinadas ao público feminino.

É árduo o trabalho de dona de casa, no entanto, deve-se estar sempre bem apresentável, apesar de todos os percalços possíveis. Não se trata apenas de querer agradar ao esposo. A sociedade não precisa saber o quanto está cansada e como custa cuidar de um lar, pois isso tira toda a poesia que há por volta de uma mulher. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p.18).

Dessa forma, é visto de forma natural que a mulher haja assim, e, caso fuja à regra, ela não será considerada uma boa mulher.

Apesar de a revista destinar algumas colunas e seções às mulheres, percebe-se que, de um modo geral, normalmente os textos tratavam das coisas através do ponto de vista masculino, mesmo quando as mulheres eram o tema principal da matéria ou reportagem, a situação era vista a partir do que os homens pensavam sobre o assunto.

Não há como saber se eram leitoras reais que encaminhavam as perguntas ou se a própria equipe de redação as inventava. Mesmo assim, partimos da ideia de que elas refletem, o perfil identitário da mulher no período

já citado. Por trás de cada carta respondida, é possível notar que a revista deixava um conselho ou dica de como a mulher deveria agir em diferentes situações.

Recebemos a carta de uma professora. É noiva de Davi, também professor, ele é bom, mas tem alguns defeitos que a envergonham perante os amigos, como não tirar o chapéu no elevador, não abrir a porta do carro para a noiva, não se levantar quando chega uma visita. Nosso conselho: A jovem deve parar de se preocupar com a opinião dos outros sobre o noivo. Querer um homem polido, que seja um laçao, que a atenda em todos os desejos, pode tirar a originalidade dele. Não case com um homem para tentar mudá-lo. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 23).

Recebemos uma dúvida sobre traição, quando sabemos que alguma mulher engana seu marido, temos certeza de que isto ela pagará. Todo subúrbio elegante de cidade grande tem dessas mulheres. Geralmente é guapa, jovem e segura de si mesma. Achamos isto uma atitude muito errada. As jovens devem cuidar-se para ser a esposa que todo homem deseja. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.9)

Algo perceptível ao analisar a revista diz respeito a forma como a mulher era vista pelas próprias mulheres, ou seja, a visão que elas tinham acerca delas mesmas. Em alguns trechos das colunas já mencionadas, há pedidos de conselhos e perguntas em que as mulheres se referem a outras mulheres. Isso reitera a ideia de que de que algumas atitudes eram vistas como naturais apenas se ocorridas no universo masculino.

Fico em dúvida se uma mulher conseguiria manter-se fiel à moral e aos bons costumes trabalhando fora de casa. Sou mulher e acredito que nosso papel é ficar dentro de casa e trabalhar em prol da felicidade da família. Se seu marido chega em casa, depois de uma longa jornada de trabalho ele espera encontrar seu jantar preparado, um bom banho quente e o colo de sua esposa, ela não quer encontrar uma esposa também cansada, e que queira discutir problemas de trabalho. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 34).

A forma como a leitora se refere às mulheres que trabalhavam fora vão ao encontro do que Trindade (1996) fala sobre a objeção das próprias mulheres à presença feminina nos espaços públicos:

Dessa maneira, as próprias mulheres fazem, muitas vezes, objeção à presença feminina nos espaços externos, sobretudo em se tratando dos ambientes de trabalho. A discussão dessa possibilidade, cada vez mais presente no decorrer do período, atinge pontos mais polêmicos do que as atribuições domésticas da mulher e alcança, por isso mesmo, uma gama mais variável de possíveis respostas. Há, porém, uma grande diferença na opinião pública sobre a atuação relativa ao trabalho e à participação simplesmente decorativa e benemérita da mulher na vivência social. (TRINDADE, 1996, p. 147).

Na revista, haviam espaços em que a mulher tradicional era valorizada através de contos e poesias. Percebe-se uma tentativa de poetizar acerca do ofício de dona de casa.

Não há nada mais bonito do que uma mulher cuidando de sua casa. A forma como cuida do marido, dos filhos, reflete sua alma. Uma alma clara, cheia de luz, está presente em uma simples dona de casa, capaz de encher os olhos de quem a observa. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 17)

Por outro lado, havia uma tentativa de colocar as mulheres que viviam com maior liberdade como mulheres não indicadas para se casar.

As mulheres que dançam... é inegável que elas despertam atenção. Mas é inegável também, que há nelas uma aura de mulher libertina, diferente das mulheres mais contidas. Não se case com uma mulher que dança. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 10).

A visão que predominava era de que existiam mulheres para casar, cujo perfil era basicamente sempre o mesmo: moças de família, bem educadas, reservadas, que desde a infância foram treinadas para a submissão, primeiro obedecendo ao pai, e depois ao marido. Na contra mão disso, haviam

mulheres consideradas sedutoras e atraentes, mas que não eram tidas como ideais para se formar uma família. Nessa categoria, incluía-se as artistas, cantoras, atrizes, vistas como incapazes de conseguir aliar família e trabalho.

Apesar da situação feminina no Brasil não ser nem de longe a melhor possível, a revista considerou como escravidão a situação das mulheres chinesas, veiculadas na revista no ano de 1941.

Como é triste a situação de escravidão que vivem as mulheres na China. Se antes, elas nem ao menos poderiam escolher seus maridos, hoje elas até podem fazer suas escolhas, mas passam a vida como escravas dos maridos. Isso quando não são comercializadas como meros cordeiros, sendo vendidas por milhares de libras esterlinas pelos próprios pais. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 24).

Em uma matéria veiculada no mês de janeiro de 1941, intitulada “Sexo fraco”, a revista se coloca contra a atitude de um colégio da cidade que havia proibido as moças de usarem batom, asseverando que tal artifício era utilizado apenas para chamar atenção dos rapazes do ambiente. Ao longo do texto, há uma crítica à atitude do colégio, além da afirmação de que “as mulheres conseguem tudo o que querem, como o sexo fraco, é bom não insistir muito”.

A revista mostrava, mesmo de forma sutil, uma permissividade acerca do trabalho feminino. Entretanto, ainda permanecia o consenso de que todo trabalho dentro de casa deveria ser realizado pela mulher. Dessa forma, por mais que ela conseguisse a permissão do marido para trabalhar, ainda teria que cumprir uma dupla jornada e não descuidar da casa, nem dos filhos e nem do marido. Aliás, uma dica trazida pela conselheira “Madame Elena”, fala sobre a possibilidade de um homem procurar outra mulher ao perceber que sua esposa tem ocupado tempo demais com o trabalho fora de casa.

Não podemos nos opor às mulheres que resolvem trabalhar. Mas, havemos de concordar que se ela não estiver dando conta de unir trabalho e cuidado com o marido e os filhos, é melhor desistir da tarefa. Ou então, abrirá espaço para que seu

marido procure alguém que realmente lhe dê atenção. E com razão... (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 18).

Esses papéis tradicionais, valorizados pela revista, ficam ainda mais evidentes na matéria “É pra casar!”, que estampou as páginas da *Gran-fina* em fevereiro de 1942. Ao longo de duas páginas, discute-se qual o perfil de mulher que o homem deveria eleger para ser sua companheira ideal. Ainda prevalecia o consenso de que ela deveria ser de boa família, ter boa educação e, principalmente, ser bem vista pela sociedade.

Se ela fala palavras de baixo calão, fala alto, gosta de e mostrar perante seus amigos, ela não é a mulher ideal. Busque alguém que seja recatada, que tenha recebido boa educação desde cedo, e que não seja mal vista na sociedade. É muito difícil desfazer uma impressão depois que ela está feita. Ao se casar com uma moça mal falada, a imagem de sua futura família também será atingida pelo passado da matriarca. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, P.21)

Colunas como a “Chá das Cinco” e a “Página do Lar”, anexadas ao periódico após a mudança estrutural pela qual ele passou, traziam, respectivamente, receitas e dicas de decoração e organização do lar. A “Chá das Cinco” sempre trazia um texto introdutório antes de suas receitas. Em um deles, ela “se apresentava” e explicava qual o objetivo daquela coluna.

Nossa coluna visa ser muito mais do que apenas uma página com receitas para copiar e servir no jantar. É preciso enxergar a cozinha como uma forma de carinho. Não deixe, nunca, de amansar seu esposo pelo estômago. Há muito mais valor em uma mulher que sabe cozinhar do que naquela, que apesar de todo garbo, não sabe nem passar um bom café. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p. 13)

O trecho evidencia que ainda era dado grande valor às mulheres tradicionais, que cuidavam de casa, que cozinhavam para seus maridos. Na coluna “Página do Lar”, isso também ocorria. A linguagem utilizada

demonstrava que aquele era um espaço feminino dentro da revista e que as funções de organizar o lar também eram papéis destinados às mulheres.

Querida amiga! Esse é um novo espaço dentro de sua revista preferida, dedicado a lhe ajudar nas funções domésticas. Por mais simples que seja uma casa, se ela for bem decorada e estiver sempre organizada, as pessoas sentirão prazer em lhe fazer visitas. Seu marido sentir-se-á muito confortável dentro de casa e passará muito mais tempo com você e com seus filhos. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p. 12).

O trecho evidencia que cabia à mulher a função de “segurar o marido”, fosse pelo estômago ou por uma casa limpa e organizada. Vale lembrar que, nesse período, toda ocorrência de ordem familiar teria sua culpa delegada à mulher. Cabia a elas cuidar para que o lar estivesse sempre em ordem. Mesmo com essa extensa jornada de trabalho, o único trabalho reconhecido e valorizado ainda era aquele desenvolvido pelo homem, fora de casa. Essas diferenças que persistiam ficavam evidentes em matérias como a “Independência para as mulheres?”, que circulou em agosto de 1941.

As mulheres deveriam ser gratas por terem maridos bondosos que as sustentam. Ao invés disso, inventam moda, querem se enfiar, a todo custo, nos escritórios por aí. É algo natural. Mulheres devem cuidar de si mesmas, dos seus maridos, de seus filhos e do lar. O resto, a parte verdadeiramente importante, de trazer o sustento para dentro d casa, cabe ao homem. Mais forte e mais capaz de conquistar o que desejar. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 30).

Ainda, na mesma matéria, que não era assinada, fica clara a diferença com que eram tratados os casos extraconjugais que homens ou mulheres pudessem vir a ter. Mais uma vez, podemos lembrar Bourdieu (1998), que fala sobre essa interiorização, naturalização de atitudes baseadas em diferenças sexuais. Se tratando de um homem, atitudes como essa seriam vistas como naturais, já que o sexo definiria essa posição de dominador, enquanto as mulheres seriam dominadas.

É da natureza masculina procurar mais de uma fêmea, isso não deve ser censurado, pois, em se tratando de animais, é sempre o macho quem tem mais de uma opção, sexualmente falando. Já a mulher, se buscar algo fora do casamento deve ser desprezada, pois se trata apenas de falta de vergonha na cara. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 30).

Com essa transformação pela qual a revista passou, com a inclusão de novas colunas e toda a reforma gráfica, dedicou-se uma coluna especialmente às noivas, denominada “Ateliê das noivas”. Nessa coluna, além de dicas de como organizar um casamento, de como escolher o melhor vestido, as melhores flores, ainda havia um espaço para que as moças que estavam para se casar enviassem perguntas sobre o grande dia e também sobre a vida que as esperava depois. Nessa coluna especificamente, ninguém assinava as matérias e também não havia informações sobre quem respondia as indagações femininas.

Cara Adriana, das tantas coisas que poderia lhe aconselhar depois de ler sua carta, a principal delas é: não deixe que seu noivo tome liberdades antes do casamento. Ele pode lhe prometer que nada vai mudar, já que estão próximos da data, mas isso não é verdade. Ele saberá que não se casou com uma moça totalmente honesta. Então, espere, afinal não falta tanto tempo. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p. 35).

As coisas mudarão, com toda certeza minha cara Helena, a vida de mulher casada é bastante diferente da vida de uma moça solteira. Não terás mais tempo para assuntos sem importância. Lembre-se de que viverá para sua família, seu marido, seus filhos, e é a eles que deverá todas as satisfações de sua vida e não mais ao seu pai. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p. 34).

Os dois trechos apontam que a vida de uma moça passava por intensas transformações com o casamento. Apesar da maioria das famílias prepararem suas filhas com o intuito de arranjar um bom casamento desde cedo, ela só iria ter consciência das mudanças ocorridas após o matrimônio. Neste momento, a obediência que se cobrava que a filha tivesse para com o pai, passa a ser

cobrada como uma obrigação para com o marido. A revista se coloca como a favor dessa obediência feminina em alguns momentos.

Antes de se casar, é preciso que tenhas consciência de que deverás obediência ao seu futuro esposo. Porém, se tratando de uma moça de família, isso não será nada difícil de aceitar, já que por anos, dedicou-se a cumprir as ordens dadas por seu pai. Tanto seu pai, quanto seu esposo, nutrem um carinho especial por você, eles sabem o que é melhor, portanto, não discuta. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p.08).

Após o casamento, havia uma pressão social para que ela tivesse filhos. A revista chega a cogitar a hipótese de que todos os casais que dizem não querer ter filhos na verdade escondem que, por problemas de saúde, não conseguem os ter.

Filhos são a maior benção que um casal pode ter. Se o namoro e o noivado foram santos, com a aprovação dos pais, se o casamento já aconteceu, já foi consumado, não há motivos para adiar a chegada dos herdeiros. Enquanto alguns casais, juntos há bastante tempo alegam que não pretendem ter filhos, a impressão que temos é que eles, por alguma má formação corporal, não podem os ter. Seria impossível encontrar um casal que não deseje ter ao menos um filho. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p. 25).

Caso esses filhos, tão desejados pela sociedade, as vezes mais do que pelo próprio casal, viessem, a educação que receberiam dependeria quase que inteiramente da figura materna. Aos pais, a tarefa de sustentar o lar, a figura do homem forte, que protege a mulher e os filhos, que trabalha, ignorando as mais adversas condições para garantir o sustento da família, às mães, a figura de mulher santa, frágil, religiosa, na maioria das vezes, a quem cabe a tarefa de cuidar da criação dos filhos. Por algumas vezes, a *Gran-fina* afirmava que alguns “desvios” na educação das crianças seriam culpa inteiramente das mães, já que elas “passam o dia todo em companhia dos filhos, cabe a elas corrigir qualquer problema educacional das crianças”. Entretanto, a revista afirma que, caso a criança necessitasse de um “corretivo físico”, tal tarefa

deveria ser realizada pelo pai, já que era a figura de respeito máximo dentro de casa.

A educação vem de berço, vem de berço e cabe às mães ensiná-la. A posição privilegiada da mulher, de estar dentro de casa, apenas para cuidar do lar e dos filhos, garante que ela terá bastante tempo junto aos menores. Neste caso, tudo aquilo que é bom deve ser ensinado. O temor a Deus, o temor e o respeito ao pai e aos mais velhos, surgem dentro de casa. Assim se formam bons homens. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p. 19).

Se o pequeno está com manias feias, como de repetir palavras, o ideal é tentar corrigir sem a interferência de castigos corporais. No entanto, se ele não mudar de postura, o melhor a se fazer é contar tudo ao pai, que deverá castigá-lo. O pai é a melhor figura para dar tal punição, já que a criança deve a ele o maior respeito da casa. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p. 19).

Os problemas matrimoniais que poderiam surgir ao longo dos anos de casamento, eram encarados com naturalidade pela revista, quando se tratava de um caso extraconjugal do homem, e como um escândalo se fosse a mulher que viesse a traí-lo. A matéria “Quando seu esposo se enamora de outra”, veiculada em novembro de 1941, traz o depoimento de uma senhora “de alta classe curitibana”, que preferiu manter a identidade em sigilo. Ela conta que depois de mais de vinte anos de casamento, descobriu que o marido tinha um caso com uma jovem muito mais nova e bonita. Após todo o depoimento da senhora, em que fala sobre a dor que sentiu pela traição, e a vergonha que sentia em encontrar os amigos, a revista ameniza o que aconteceu.

No caso apresentado, em que a elegantíssima senhora afirma que o marido possui um caso com uma jovem muito bela, podemos destacar dois pontos: esse caso pode ser simplesmente passageiro. Ele pode ter encontrado na bela moça alguém para se divertir, saindo da monotonia que um casamento de mais de vinte anos oferece. O outro ponto diz respeito a condição financeira do casal. Por mais que esteja enamorado de outra, ele continua a sustentar a casa e manter o padrão de vida correspondente a alta classe da cidade de Curitiba. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.07).

Outra matéria, veiculada na mesma edição do periódico, em novembro de 1941, vem reafirmar a posição da revista acerca dos casos extraconjugais. Intitulada “Procure um marido e não um santo”, fala, mais uma vez, que é da natureza masculina possuir mais de uma parceira sexual. Além disso, aconselha-se que as mulheres esqueçam a imagem de “príncipe encantado” com que sonharam durante toda a juventude.

O matrimônio é uma das coisas da vida que abrem os olhos à realidade. Quando uma mocinha se casa, abre os olhos, despertando dos doces sonhos de solteira, nos quais havia imaginado um galante pretendente que viria montado em um belo cavalo, lhe beijaria, lhe tomaria a mão em casamento e a colocaria em um pedestal pelo resto da vida. Mera ilusão. Os homens são egoístas, e é necessário entender isso. É da natureza masculina. Assim como é da natureza masculina os casos fora do casamento. Não é o foco do nosso tema, mas havemos de concordar que é natural e nos resta aceitar. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.20).

A partir do momento em que os filhos já estavam crescidos, havia a necessidade de orientá-los para que também formassem uma família. Em se tratando de uma filha mulher, a preocupação era muito grande, pois haviam diversos fatores que poderiam influenciar na realização de um bom casamento ou não. Nesse caso, a escolha do marido ideal era algo realizado em conjunto com os pais. Porém, se tratando de um filho do sexo masculino, a revista afirmava que a mãe do rapaz não deveria interferir em suas escolhas, por mais que a moça escolhida não fosse bem vista dentro da família. Na matéria intitulada “A sogra deve ficar à margem”, aconselha-se que a escolha da noiva devia ser feita pelo rapaz, e que a sogra deveria manter-se afastada da decisão, só tomando partido em casos muito específicos.

Por mais que não concorde com a escolha de seu filho, deve deixar que ele tome as decisões de sua vida. Se fosse uma filha moça, teria como obrigação ajuda-la a encontrar um bom partido. Mas os homens sabem o que fazem. Normalmente, sabem identificar a diferença entre uma mulher para casa e

uma para se divertir. Ele saberá o que fazer. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.22).

A vida feminina tida como “ideal” pela revista era bastante linear. Receber as primeiras noções de educação por parte da mãe, frequentar uma escola (no caso das classes mais altas), aprender desde cedo os ofícios de dona de casa, comportar-se para ser bem vista perante a sociedade, ter o namoro aprovado (quando não escolhido) pelos pais, noivar, casar e dar início ao cuidado com a família e o lar, dar boa educação aos filhos, e envelhecer junto com o marido, passando a cumprir as funções de avó.

3.2 Mulher e Trabalho: relações conturbadas dentro de uma sociedade tradicional

Uma relação marcada por muitos conflitos, lutas, e uma eterna busca por igualdade. Assim nós podemos definir a relação entre as mulheres e o trabalho. Se ainda hoje, temos diferenças bastante perceptíveis quanto ao trabalho desenvolvido por homens e mulheres, desigualdade de salários, de condições de trabalho, em 1940 essas diferenças eram ainda mais notáveis. Em uma sociedade com ares de desenvolvimento, mas que conservava uma imagem interiorana, o fato das mulheres estarem buscando seu espaço, deixou toda uma sociedade em polvorosa. A revista *Gran-fina*, um dos veículos eleitos pela população de classe média e alta, da época, deixava transparecer qual o pensamento que a sociedade tinha acerca das mudanças ocorridas.

A imagem de ordem que prevalecia na cidade, que era difundida por seus governantes, através, principalmente, dos meios de comunicação, fazia com que prevalecesse apenas um modelo de família correta a ser seguida. Um pai que trabalha, sustenta a casa, uma mãe que cuida da limpeza e da ordem do lar, além de educar os filhos e cuidar do marido, cansado pelo trabalho de todo dia, e filhos, para a perpetuação da família e a chamada “felicidade completa do lar”. Esse modelo de família passou a ser adotado, principalmente, pela difusão do cristianismo, já que, segundo a bíblia, a sagrada família, composta

por Jesus, Maria e José, seguia esse modelo. José, carpinteiro, trabalhava fora, Maria, uma dona de casa, cuidava do lar e do filho, Jesus, o primogênito da família.

De acordo com Boschilia (2010), a partir de meados de 1930, a cidade de Curitiba começou uma transição do meio rural para o meio urbano. Muitas famílias vieram do interior para buscar novas oportunidades de trabalho, moradia, saúde e educação. Com a crescente industrialização da época, novas empresas se instalaram na capital e em seus arredores, no entanto, a maioria das vagas criadas estavam ligadas ao ramo de oficinas artesanais ou empresas familiares de pequeno porte, como alfaiatarias, carpintarias, padarias, etc.

Com o aumento de vagas na cidade, e também o aumento do custo de vida, a mulher passou a ser figura mais frequente no mercado de trabalho. A maioria, ainda era originária de classes mais baixas, entretanto, aos poucos as mulheres de classes mais abonadas, as principais leitoras da revista *Gran-fina*, também se encaminharam para o mercado profissional.

Havia uma ideia formal de que as mulheres estavam nas mesmas condições do que os homens no mercado de trabalho. Isso ocorreu por conta da criação do salário mínimo, que colocava a mulher na mesma condição de trabalho que os homens. Entretanto, na prática, isso não se confirmava, os salários das mulheres ainda eram bem menores do que dos homens, e além disso, elas tinham uma jornada de trabalho bastante longa, já que além do emprego, ainda eram consideradas as responsáveis por cuidar da casa, dos filhos e do marido. Na própria revista há casos de mulheres que viviam o dilema de ter que “escolher” entre a vida profissional e a vida pessoal.

A entrada da mulher no mercado de trabalho foi marcada por muitas polêmicas. A revista, por muitas vezes, questionou se seria atitude “digna” a ida feminina para o mercado profissional.

É o debate do momento. Precisamos chegar a uma conclusão sobre o fato de nossas mulheres estarem deixando o lar para se dedicarem a trabalhos externos. Seria essa uma atitude

digna? Será que ao apoiarmos não estaremos contribuindo para o fim de nossas famílias? (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.13).

Entretanto, por outro lado, em uma matéria intitulada “Elas vão ao escritório”, veiculada em outubro de 1941, não assinada, mas provavelmente escrita por uma representante do sexo feminino, pela linguagem utilizada, defende-se os direitos das mulheres, colocando como normal essa transição do lar para o trabalho.

Nós também podemos. É claro que podemos. Não é só aos homens reservado o direito de trabalhar, afinal, são muitas as moças de família já empregadas e ganhando seu próprio dinheiro. A família não deve se opor, devemos mostrar a eles que uma mulher pode trabalhar e manter sua dignidade. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.12).

As mulheres eram vistas com uma posição social abaixo dos homens no início da década de 1940, período em que a *Gran-fina* circulou. No mercado de trabalho, isso não seria diferente. Na matéria “Capital registrou criação de empregos”, que tivera como assunto central a criação de vagas e a instalação de novas empresas na cidade, discorre-se sobre a contratação de representantes do sexo feminino.

As vagas estão aí. Só não trabalha quem não quer. Até mesmo as mulheres estão conseguindo espaço, no entanto, aquele que prefere contratar uma moça ao invés de um rapaz, está jogando sua empresa na lixeira. Homens são mais capacitados e isso está claro na história. Mulheres nasceram para cuidar do lar, de sua família... o trabalho fora de casa deve ser deixado por conta dos homens, mais fortes e preparados... (REVISTA GRAN-FINA, 1940, p. 15).

Durante o período em que a revista circulou, ainda perdurava o código civil de 1916, que colocava a figura masculina como chefe da família. Assim, se uma moça decidisse que gostaria de trabalhar, ela precisaria da autorização de seu pai, se fosse solteira, ou de seu marido, caso já estivesse casada. Porém,

mesmo com essa autorização, a maior parte da sociedade curitibana da época se colocava contra isso.

É preciso explicar a uma moça, que possui menor quantidade de massa encefálica, que sua reputação será duramente atingida caso resolva trabalhar. Estar em um ambiente fechado, cercada por homens, falando com esses homens, vai transformá-la em uma moça mal vista. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.22).

Caso fosse vencida essa etapa, de conseguir autorização para trabalhar, o próximo passo era arranjar um bom emprego, onde, segundo a *Gran-fina*, elas poderiam ganhar menos da metade do salário dos homens que cumprissem a mesma função.

É perda de tempo, para as moças, o trabalho. Não há, sequer, um local que pague bem. Na maioria das vezes, relatam as mulheres, que ganham até menos da metade do que ganham os homens. É vantagem, nesse caso, permanecer no seio do lar. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.18)

Apesar dos constantes discursos contra a ida feminina para o mercado de trabalho, a mulher que já trabalhava também era lembrada pelos conselhos da revista. Na coluna intitulada “*Carnét da mulher que trabalha*”, um espaço que não era assinado, as mulheres eram orientadas a como deveriam proceder para serem bem vistas por seus chefes e como manterem a casa em ordem, mesmo dedicando boa parte de seu tempo à profissão. Dicas como “Em hipótese alguma utilize-se de decotes para trabalhar” ou “Ao cruzar as pernas, tome cuidado para que não vejam o que há debaixo de suas saias”, eram comuns nessa coluna. O periódico fazia questão de lembrar que toda mulher que trabalhava ainda assim deveria se portar como uma dama, sem jamais esquecer daquilo que lhe fora ensinado, sem jamais deixar-se levar por ofertas “obscuras”, que pudessem surgir em suas profissões.

Se você tem medo de ser feia, então cuide muito dos cabelos e dos dentes. Ou, caso contrário, não arranjará nenhum bom emprego. (CARNÉT DA MULHER QUE TRABALHA, 1941, p. 22).

Prefira um vestido simples, que não dê na vista e seja elegante para trabalhar. Você não está no escritório para chamar atenção. (CARNÉT DA MULHER QUE TRABALHA, 1941, p. 15).

Quanto às jóias, reserve-as para as celebrações. No escritório, isso só chamará atenção de seus superiores. (CARNÉT DA MULHER QUE TRABALHA, 1941, p. 15).

Nas páginas do periódico, ficava claro que qualquer assédio que ocorresse no trabalho, a culpa seria, automaticamente, delegada à mulher, que seria acusada socialmente de “mexer com a cabeça” do patrão ou colega de trabalho, autor do assédio.

Tome muito cuidado com o traje escolhido para o ambiente de trabalho. Uma saia curta, ou um vestido decotado poderão ser interpretados de maneira errônea. Embora, muitas vezes, não concorde com isso, é o que a sociedade pensa. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.38).

Em algumas matérias, como foi o caso da “A bonitinha do trabalho”, levantou-se questões como a contratação de mulheres apenas por sua aparência, sem levar em consideração o preparo e o conhecimento.

Algumas moças nem sequer sabem datilografar e conseguem emprego em grandes escritórios da nossa capital. Por muitas vezes, o fato de ter uma bela cútis, um bonito par de pernas, ou um modo provocativo de se vestir, podem influenciar na escolha para assumir o posto empregatício. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.27).

Por muitas vezes, o trabalho feminino foi acusado de destruir famílias. Entendia-se que qualquer problema de ordem familiar poderia ser visto como uma consequência da ida da mulher ao mercado profissional. Isso ficou

bastante claro na reportagem “Mulheres de hoje”, veiculada em 1942, que em três páginas debateu o assunto, colocando opiniões contra e a favor.

Não há dúvidas de que as moças podem sim trabalhar. Elas já provaram que são capazes de cuidar de uma casa, de um marido, dos filhos e de um trabalho ao mesmo tempo. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p.23)

Por outro lado, muitos questionam se essa mulher conseguiria dispor de energia para cumprir tarefas, como cozinhar, lavar e passar, após um dia inteiro de trabalho. Quem irá fazer a vistoria sobre a lição de casa dos pequenos? (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p. 24)

Fica claro, nos trechos acima citados, que não se cogitava a ideia de sugerir ao homem que ajudasse na manutenção do lar, no cuidado com os filhos. Se uma mulher resolvesse trabalhar, então ela deveria assumir todas as responsabilidades e as possíveis consequências que viessem com essa escolha. Essas chamadas “características femininas”, como denomina Muraro (1992), surgiu em meio à divisão social do trabalho, e determinava que todas essas funções ligadas ao lar seriam obrigações femininas, nesse sentido, elas não poderiam cobrar auxílio do marido nessas atividades ligadas ao lar.

Como o público leitor da revista era composto principalmente por representantes das classes média e alta, o trabalho que essas moças possuíam era bastante diferente das moças de classes mais baixas. Enquanto as mais pobres trabalhavam, principalmente, como operárias em fábricas, as mulheres que estampavam e eram lembradas pela *Gran-fina* possuíam funções de secretária, datilógrafa, dentro das próprias fábricas, ou em escritórios da cidade de Curitiba. Essa diferença existia por conta da educação que essas moças recebiam. Enquanto, de acordo com Boschilia (2010), as trabalhadoras de fábricas eram, em sua maioria, analfabetas ou semi-analfabetas, as moças de classe mais alta tinham recebido melhor educação, além de possuírem cursos extras, como de datilografia, bastante importante para a época. De acordo com a revista, as mais preparadas ainda falavam um idioma a mais, além de terem na influência de suas famílias grandes armas para conseguir um melhor posto de trabalho.

Muitas das moças que já trabalham tiveram educação primorosa. Algumas, educadas em casa, com professores particulares, com viagens para aprender novos idiomas e culturas. Não imaginavam seus pais que tudo isso serviria para que arranjassem um emprego, não era essa a intenção. Mas toda essa educação, aliada ao pomposo sobrenome, deram crédito a essas moças (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p. 28)

Uma das profissões femininas mais lembradas, e respeitadas, pela revista era a de professora. De acordo com Rosa (2011), o ensino inicialmente era uma profissão masculina, mas com o passar dos anos, foi, cada vez mais, se tornando uma profissão essencialmente feminina, por conta de diversos fatores.

É possível perceber que gradativamente os homens foram abandonando os cursos normais e as salas de aula. Esse movimento deu origem a uma feminização do magistério, que dentre outros fatores, estaria vinculada ao aumento do número de vagas nas escolas e ao processo de urbanização e industrialização que ampliou as oportunidades de trabalho para os homens. Estes foram em busca de empregos mais bem remunerados. (FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO, 2011, p. 07).

A própria publicação incentivava que as moças tomassem gosto pela profissão de lecionar. A impressão que se tem é de que a revista não considerava o ensinar como uma profissão, já que, na maioria das vezes, trata de maneiras distintas os assuntos “mulheres que trabalham” e “mulheres que são professoras”.

A própria *Gran-fina*, em alguns trechos, deixa claro que considerava que lecionar era um dom presente em todas as mulheres, comparando a profissão com a função de mãe.

Lecionar é um dom. Um dom presente em todas as mulheres. Há de se convir de que ser professora e ser mãe são coisas muito semelhantes. Uma professora passa a ser como uma mãe para sua classe. É uma belíssima e digna carreira, principalmente para aquelas cujos filhos naturais não existem, ou não existirão, por problemas femininos ou simplesmente por não se ter um marido. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 16).

A revista se mostrava muito indignada com as notícias que chegavam do exterior e tratavam do aumento da presença feminina na Segunda Guerra Mundial. Considerava-se este um espaço essencialmente masculino, a presença feminina era vista como desnecessária e tratada com deboche muitas vezes.

Em um campo de batalha a única presença indispensável é a de bravos soldados, capazes de doar suas vidas em nome de uma nação. Não enxergamos como necessária a presença de moças nesses ambientes hostis. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.06).

Na guerra como na guerra. Todas as armas de fogo deverão ser aproveitadas de acordo com a eficiência bélica de cada uma. E com uma mulher no “front”, ou se vence com glória ou se leva uma sapeca de criar bicho... Com a experiência que as mulheres possuem de armarem conflitos domésticos, não encontrarão dificuldades em fazer uma bruta encrenca nos campos de batalha, principalmente se entre elas existirem muitas mulheres canhões... (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 07).

Por vezes, a publicação se perguntava quais seriam os “limites” do trabalho feminino, chegando a questionar se as mulheres ousariam roubar os empregos dos homens.

Até onde vai a audácia feminina? Elas já estão em todos os lugares, não respeitam mais a ordem estabelecida a anos. Em pouco tempo, tentarão roubar cargos de homens. É só isso que nos falta. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 17).

Podemos dizer que a revista tinha posições controversas acerca da presença feminina no mercado profissional. Se por um lado haviam pesadas críticas a respeito da curitibana ocupar cargos de trabalho, por outro, a publicação dedicava páginas e mais páginas a tratar das atrizes de Hollywood que faziam “papéis magníficos, dignos de aplausos, vindos de todos os cantos do mundo, em reconhecimento a seus grandiosos e complexos trabalhos no cinema, a mais bela de todas as artes” (REVISTA GRAN-FINA, 1940, p. 04).

Dessa forma, havia uma notável exaltação das mulheres que trabalhavam no cinema, enquanto as figuras femininas da cidade recebiam críticas, suspeitas acerca de sua dignidade, além de serem vistas com tom de deboche. Há uma separação bastante clara, enquanto se exalta mulheres que não são da cidade de Curitiba, ou do estado do Paraná, de um modo geral, há uma tentativa de manter uma ordem na cidade, oferecendo uma espécie de “proteção” a essas moças.

As moças do cinema hollywoodiano parecem ter caído do céu. Belíssimas cútis, postura invejável, traços marcantes, além da já tradicional elegância. Quando falamos sobre suas atuações então, não há ninguém que vença esse páreo. Elas brilham como a mais alva estrela da noite, aliás, elas são verdadeiras estrelas e merecem todos os aplausos do mundo. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 03).

Como era de se esperar, algumas profissões, assim como hoje, eram tomadas como profissões masculinas. Algumas vezes a revista abordou a presença feminina nessas profissões consideradas diferentes, como foi o caso da matéria intitulada “Mulher Macho”, que contou a história de Eliana Ventura, uma jovem de classe média curitibana, que desde cedo mostrou grande interesse por carros, e trabalhava como mecânica junto com seu pai.

Eliana é mais macho do que muitos homens que não aceitam nem tocar as alvas mãos em um pingo de graxa. Seu pai, senhor Felisberto Ventura, não concorda com a atividade da filha, mas acredita que em pouco tempo ela aceitará deixar a graxa para trás e tornar-se professora de criancinhas. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 14)

O que chama atenção na matéria é o fato de que fala-se sobre a profissão da moça, entretanto, em nenhum momento pergunta-se a ela sobre os motivos que a fazem estar naquele emprego. Entrevista-se seu pai, sua mãe, que são contras, e a revista ainda acaba dando o tom de que, caso ela não deixasse o emprego, dificilmente arranjaría um bom marido.

Temos de convir que nenhum homem gostaria de ter consigo uma moça suja de graxa. Eliana ainda é nova, mas se pretende noivar e constituir família logo, é melhor deixar, o quanto antes essa profissão puramente destinada aos homens. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 14).

Para a *Gran-fina*, a maior ambição feminina era conseguir bom casamento. Em nenhum momento a publicação leva em conta se a moça estava feliz com aquele trabalho, se ela desejava ter um marido, ou se ser professora era puramente uma vontade de seu pai.

Algumas profissões eram consideradas espetaculosas pela revista. Como era o caso das dançarinas, que muitas vezes tinham seus números divulgados pela *Gran-fina*, já que os espetáculos ocorriam em cassinos e casas de show que eram grandes apoiadores publicitários da revista. Nesse caso, as dançarinas não eram vistas como “mulheres”, elas eram artistas, e deveriam, nesse caso, dedicar a vida toda à arte.

É de impressionar o espetáculo das estrelas Mary e Chely, dupla de argentinas. O canto e dança deixaram todo o público excitado, na noite do dia dois, no Cassino Ahú. Elas são estrelas do mais alto nível. As moças presentes com seus pais ou esposos, devem ter se perguntado o que fazer para se tornar uma estrela. O primeiro passo seria abandonar a sua família. Artistas vivem da arte e pela arte, nada de filhos, nem de esposo. Até porque seria difícil encontrar alguém que quisesse se casar com uma artista. Elas nasceram para os palcos, não para o lar. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p.12).

Nesse sentido, as artistas eram consideradas mulheres para não se casar. Em um trecho de uma matéria há uma explicação para isso: “uma artista nunca abandonará suas viagens de espetáculo para cuidar de seus filhos ou maridos, por isso, melhor nem tê-los”.

Por algumas vezes, a revista serviu para registrar casos de assédio ocorridos dentro do ambiente de trabalho. Entretanto, o tom utilizado não

denotava uma denúncia, mas sim tratava o assunto de maneira natural, sempre apontando a mulher como culpada.

Márcia Helena – minha cara, é quase uma certeza da vida que paqueras acontecerão no escritório. Se seu chefe a ameaça de colocá – la no olho da rua, caso não ceda, é melhor procurar outro emprego. Tome muito cuidado, em seu novo ofício evite comparecer trajando roupas curtas e decotadas, tente sorrir o menos possível, só fale o que realmente for necessário. Lembre-se de que se trata de um trabalho, não de diversão. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p. 14).

Outra denúncia apresentada de forma natural pela revista era a da presença de crianças e adolescentes trabalhando nas fábricas da capital e região metropolitana. Embora essa fosse uma realidade presente, principalmente, entre as classes mais baixas, o assunto é abordado na matéria “Trabalhadores Fabris”, veiculada em março de 1941.

Muitos pequenos e pequenas estão entre os trabalhadores das fábricas curitibanas. Alguns frequentam a escola, mas o trabalho longo e pesado os deixam exaustos, sem energia para mais nada no dia. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p. 12).

Ainda dentro da coluna “*Carnét da mulher que trabalha*”, depois das mudanças pela qual a revista passou, começou-se a receber cartas enviadas pelas leitoras com dúvidas e pedidos de conselho sobre o mercado profissional. Não havia nenhum nome que assinasse as respostas dadas às mulheres, e também não temos como afirmar que essas cartas eram realmente enviadas por leitoras, e não forjadas na própria redação da revista, mas, partimos da ideia de que, forjadas ou não, essas perguntas e respostas davam uma dimensão das condições sociais que rodeavam o trabalho feminino na época.

Uma das questões mais comuns abordadas pelas mulheres dizia respeito a conciliação do emprego com o cuidado com os filhos e o marido.

Comecei a trabalhar em um grande escritório de Curitiba. Sou casada e tenho dois filhos. Meu marido tem acusado-me de não cuidar bem das crianças e exigiu que eu deixe meu ofício. Não sei mais o que fazer, pois amo minha família, meus filhos e meu marido, mas me sinto muito bem trabalhando... (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.18).

A resposta dada pela *Gran-fina*, normalmente tratava a questão de maneira extremista, incentivando a mulher a escolher os filhos e o marido, antes de qualquer coisa e lhe dando avisos de que, caso preferisse trabalhar, sua família poderia se desfazer.

Minha cara, o trabalho de uma moça não pode se tornar a razão de sua vida. Se seu esposo está reclamando, algum motivo há de ter. Você também menciona que sua mãe toma conta das crianças enquanto você trabalha, isso não está certo, avós devem ajudar sempre, mas a maior responsabilidade é sua. Escolha entre sua família e seu trabalho e tome cuidado para não se arrepender depois. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.18).

Por vezes, também é possível encontrar moças que reclamavam por conta da insatisfação de seus noivos com suas profissões. Nesse período da vida, as mulheres passavam por muitas dúvidas, pois, se antes deviam todas as satisfações ao patriarca da família, agora elas estavam em um meio termo, já que deveriam prestar conta a seus pais, mas também já deveriam dar satisfações ao noivo, que começava a dar indícios de como seria o casamento.

Meu noivo trata-me muito bem, é gentil, carinhoso, educado, um verdadeiro príncipe de contos de fada, porém, não suporta a ideia de que eu trabalhe fora de casa após o casamento. Meus pais me apoiam, mas ele disse que não suportaria uma esposa que passasse mais tempo na rua do que em casa. Eu o amo, mas não sei o que fazer. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 24).

Seguindo a mesma tendência já apresentada nesta análise, a revista aconselha a moça a optar pelo futuro casamento, ao invés da sua profissão. Para a publicação, o emprego não lhe traria nada de especial, já o casamento lhe daria o sonho de qualquer moça, uma família.

Parece-me que encontraste o tão procurado bom partido, e mesmo assim, preferes jogar tudo na lama e continuar trabalhando. Seu trabalho não lhe trará um noivo como este. Seu trabalho não lhe dará filhos. Seu trabalho não lhe concederá uma família. Bote a cabeça no lugar e veja o que realmente é importante em sua vida. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 24).

Uma moça que “preferisse” o trabalho ao noivo, era considerada doida pela publicação. Segundo a *Gran-fina*, a maior aspiração da vida de uma mulher era encontrar um bom marido, ter filhos e seguir seus dias tomando conta da família. Entretanto, algumas mulheres fugiam a esse padrão difundido pela mídia da época e dessa forma, eram duramente criticadas e utilizadas como um exemplo de “como não ser”.

Escreveu-me a leitora Francisca, contando que havia deixado o noivo por conta de que ele não a apoiava em sua carreira como cantora. Que boba! São tantas as moças à procura de um belo rapaz para formar família, e esta, que já havia encontrado, preferiu deixar tudo para trás, para correr atrás de um sonho com pouquíssimas chances de se concretizar. Quando me enviarem cartas com estórias parecidas, farei questão de lembrar desse caso. Lamentável. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 19).

Não era apenas nos espaços dedicados à mulher que se encontravam textos que tratassem da presença feminina no mercado profissional. Em uma matéria veiculada em 1941, destinada ao público masculino, haviam dicas de como convencer a sua esposa a não trabalhar. Intitulada “Quero ela dentro de casa”, a matéria discorria sobre o assunto ao longo de duas páginas.

Meu amigo, se sua mulher está com a mente refrescada por ideias ditas inovadoras, mas que só vem para atrapalhar seu casamento, destruindo sua família, o melhor a fazer é não bater de frente com ela e sim tentar convencê-la com argumentos muito mais fortes do que gritos, ou até mesmo um tapa. Tente mostrar o quanto valoriza a presença dela dentro do lar, o quanto é feliz por chegar em casa e encontrar seu jantar preparado e seu filho limpo e esperando para brincar. Se você, meu caro, se fizer de indiferente frente a essas pequenas coisas, ela certamente vai continuar com ideias revolucionárias e sua família pode acabar. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.24).

Os exemplos até aqui citados, tratam de mulheres, em sua maioria, jovens, que pretendiam, ou já estavam inseridas no mercado de trabalho. Essas moças já não eram vistas com bons olhos pela maior parte da sociedade. Entretanto, quando uma mulher acima dos 50 anos escreveu para a revista, foi possível notar que havia, além de preconceito de gênero, também um preconceito pela idade dela e sua vontade de adentrar o mundo profissional.

Tenho 51 anos, sou viúva, já criei meus dois filhos, que estão casados, com família constituída. Sempre tive muitíssimo desejo por me tornar professora de francês, já que aprendi o idioma ainda na infância. Seria este o melhor momento para colocar este sonho em prática? (REVISTA GRAN-FINA, 1941, 08).

A resposta do periódico para a carta da senhora deixou claro seu posicionamento acerca do trabalho feminino desenvolvido após os 50 anos, principalmente.

Minha cara, Maria Cláudia! Ao ler sua carta pensei seriamente na possibilidade de tratá-la de forma indelicada. Entretanto, vide a sua idade e percebi o quão deselegante isso seria. Mas minha querida, querer trabalhar com a idade que possui? Você ainda menciona que seu falecido esposo lhe deixou boas posses, que lhe garantiriam uma vida bem gozada e tranquila. Para que vai querer trabalhar? Isso certamente deve ter um motivo obscuro. Se a sociedade não vê com bons olhos uma moça que quer trabalhar, o que diriam de uma senhora viúva, com filhos e netos? Mas o fato é que, com suas 51 primaveras, o que deveria fazer era cuidar de seus netos, ajuda-los a planejar o futuro, distrair-se em chás com suas amigas, esperando o dia em que em irá de encontro ao seu eterno amado. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, 08).

As moças de alta classe da sociedade curitibana estavam sempre em destaque nos cadernos sociais de revistas e jornais da cidade. Portanto, deveriam sempre cuidar da sua imagem. Assim, alguns pais, preocupados com a forma com que as filhas seriam vistas na sociedade, escreveram para a revista pedindo conselhos de como evitar a “rebeldia juvenil, que insiste em trabalhar, correndo o risco de estragar seu, até então, brilhante futuro” (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.24)

Minha filha e a filha de meu irmão possuem a mesma idade. Estão passando pela idade crítica, em que questionam tudo o que está a volta delas. Não sabemos mais o que fazer, pois elas querem se tornar manequins de roupas. Mas sabemos que esse tipo de profissão só servirá para afastar todos os possíveis candidatos a namorado. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.24).

A resposta dada pela revista deixava claro que a postura que se esperava de um pai era totalmente rígida, e de uma filha esperava-se que cumprisse as ordens dadas por seu pai.

Deve-se exigir que ela abandone tal ideia! Você, meu caro, Divonzir, é pai e portanto tem poder sobre sua filha até o dia em que entrega-la no altar ao esposo. Não seja coração de manteiga, faça o que tem que ser feito e ela terá de concordar, afinal, os pais sabem o que é melhor para seus filhos. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.24).

Dessa forma, a relação mulher e trabalho, durante o início da década de 1940, foi bastante turbulenta. Era preciso conseguir autorização para trabalhar, encontrar um bom emprego, sobreviver às armadilhas diárias do trabalho, estar ciente de que qualquer coisa que viesse a acontecer a culpa seria delegada à elas. Além disso, o preconceito se fazia presente na maioria das situações. Primeiramente, pela fuga à regra que o trabalho feminino representaria, depois, acusações de incapacidade simplesmente por ser mulher, e mais tarde, preconceito por conta da idade de algumas aspirantes ao mercado profissional.

3.2 Mulher e Espaços Públicos: restrições Sociais e Econômicas

Para Boschilia (2010), a partir da divisão do mundo entre público e privado, a sociedade burguesa delimitou como espaço feminino os “limites do mundo privativo da família”. Com essa restrição, sua atuação em meio à sociedade ficou bastante limitada. No início da década de 1940, a presença feminina era admitida em alguns locais e vista com maus olhos em outras. Essa divisão entre espaços frequentáveis e não-frequentáveis, também ocorria por conta das divisões socioeconômicas que haviam na cidade de Curitiba.

Com a onda de crescimento que a cidade de Curitiba vivia, algumas regras sociais passaram a se modificar, no entanto, com a imagem ordeira que se objetivava passar, principalmente por conta dos governantes do município, ainda não era considerado de bom tom que as moças e mulheres frequentassem determinados espaços urbanos. Além disso, havia uma clara distinção de lugares frequentados de acordo com as classes sociais. Nesta terceira análise, visamos mostrar a relação entre a figura feminina, os espaços públicos que ela poderia, ou não, ser encontrada, e as relações sociais que estão por detrás disso.

As mulheres que se utilizavam das ruas para trabalhar, eram, na grande maioria dos casos, representantes das classes menos abastadas. Assim, é perceptível que as regras sociais para mulheres de classe alta e classe baixa eram diferentes. Não se admitia que as chamadas “moças de família” frequentassem determinados lugares, mesmo que, muitas vezes, estivessem acompanhadas pelos pais ou marido.

Dentro da revista *Gran-fina*, não havia uma coluna ou sessão exclusiva para tratar da presença feminina em locais públicos, entretanto, haviam muitas matérias, reportagens e pequenos fragmentos que davam destaque para o tema. Dentro das próprias colunas sociais, onde, muitas vezes mesmo sem imagens, tratava-se da presença de ilustres moradores da cidade em eventos

regionais, falava-se sobre a presença feminina. No entanto, a forma como a mulher era vista, remetia a apenas um acessório masculino, como se o homem fosse o personagem principal e sua esposa, noiva, ou até mesmo filha, fosse um mero detalhe para acrescentar beleza e charme à presença masculina.

Compareceu também, o senhor Ernesto da Pampulha, com toda a elegância que lhe é de costume. Junto a ele, estava sua belíssima esposa, trajando o mais belo vestido da noite, deixando o esposo com um largo sorriso de orgulho. Belas esposas sempre deixam os esposos orgulhosos de sua presença. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.13).

O advogado José Almeida Ribas, um dos mais ilustres curitibanos presentes no prêmio de Turfe, realizado no último domingo, esbanjou simpatia para com todos os convidados de honra. Sua belíssima esposa, ostentava um chapéu de muita elegância, que trouxera de Paris, na última viagem do casal à belíssima cidade. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.19).

É bastante notável nos trechos acima, que nem mesmo o nome das esposas é citado. Cita-se o nome do esposo, mas não o da mulher, o que deixa claro que antes mesmo de terem as suas identidades, elas seriam identificadas através do marido.

Como já dito, o público leitor da revista *Gran-fina* era composto, principalmente, por pessoas de classe média a alta, homens e mulheres. Assim, os espaços públicos que essas mulheres que liam a revista frequentavam, eram bastante diferentes daqueles espaços ocupados por representantes do sexo feminino de classes menos abastadas. Aliás, a publicação recomendava que as moças de alta classe não frequentassem os mesmos locais que suas semelhantes de classe baixa.

Nosso objetivo por aqui não é, de forma alguma, exaltar ou rebaixar, determinadas classes. No entanto, alguns bairros de Curitiba não são aconselháveis às moças de sobrenome. Há mulheres menos abastadas trabalhando nessas ruas, no entanto, lá ainda impera a malandragem, a vontade de se dar bem em qualquer circunstância, e o maior número de homens sem trabalho, que vivem de explorar donzelas indefesas que ousam pisar nestes locais. (REVISTA GRAN-FINA, 1940, p. 08).

Durante o cotidiano da cidade de Curitiba naquele período, as opções de lazer que existiam resumiam-se principalmente em cinemas, clubes, sociedades recreativas, teatros, confeitarias e circos fixos, ou que passavam temporadas na capital. Dentro dessas opções, as mais procuradas pelos mais jovens eram os cinemas e os clubes. Porém, era necessário que os pais autorizassem seus filhos, e principalmente as filhas, a frequentarem esses lugares. Normalmente, nas tardes de domingo, era concedida autorização para que saíssem, no entanto, os pais deveriam levar e buscar suas filhas para assegurar que elas estivessem em segurança e garantir que não ficariam mal faladas. Este foi um conselho lembrado pela revista, dentro da coluna “Meu bebê é minha vida”, no mês de agosto de 1941.

É permitido às jovens moças que se divirtam. Uma tarde ensolarada de domingo deve ser aproveitada, e não ser destinada a passar o dia trancafiada dentro de casa, a menos que tenha cometido graves delitos. Para tanto, cabe aos pais concederem autorização para que a filha possa frequentar a matinê, ou um bailinho diurno nos clubes curitibanos. Porém, como tudo tem limites e tudo deve ser fiscalizado, é preciso saber com quem a moça sairá, quem são suas amigas, e, o mais importante, deixa-la na porta do estabelecimento e busca-la ao final do programa. Não se pode ser permissivo demais, a ponto de deixa-la voltar sozinha, ou pior, de carona com algum rapaz mal intencionado. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.12).

Ainda sobre essas opções de lazer disponíveis na cidade, haviam cinemas considerados de alta classe e cinemas para as classes mais populares. Aconselhava-se as moças que preferissem sempre frequentar o primeiro caso, onde o público era mais elegante, assim como o próprio local. No segundo caso, ainda de acordo com Boschilia (2010), estavam inseridos cinemas menores, que exibiam filmes em episódios, assistidos, principalmente por jovens e adolescentes, que não se importavam com as ratazanas passando sobre seus pés. Na porta desses cinemas era comum encontrar os chamados “cafajestes”, homens que passavam o dia todo à espreita, procurando uma oportunidade de se dar bem, mesmo sem trabalhar, e que também ficavam atentos à presença feminina naqueles locais.

Às moças que pretendem aproveitar a chegada do verão para irem, com as amigas, tomar um sorvete e depois assistir um filme no cinema, deixamos nosso conselho aqui. Evite, em todos os casos, os filmes naqueles cinemas má afamados da nossa cidade. Ao frequentar esses locais, sua imagem será atingida. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 13).

A distinção quanto ao acesso aos espaços públicos começava na infância. A maioria das crianças possuía grande inclinação a querer brincar nas ruas, naquele tempo ainda bastante tranquilas, apesar de se tratar de uma capital. No entanto, a revista aconselhava que esse tipo de brincadeira deveria ser destinada aos meninos, já que “para brincar de casinha, cuidar de bonecas, não é necessário estar nas ruas. Os pequenos, que jogam o tão apreciado futebol, tem que ocupar espaços fora de casa, já que nenhuma mãe quer seu belo vaso quebrado por uma bola” (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.22).

Não deixe que sua filha menina brinque na rua. A rua é o lugar da malandragem, não foi feito para uma dama. Ensine-a desde cedo que aquele não é um local apropriado para ela, e quando esta crescer, não terá problemas com rebeldia juvenil, como tantos casos que vemos por aí, de mães que não deram limites às suas filhas. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.22).

Quando as crianças começavam a frequentar a escola, havia um conselho de que os pais deveriam acompanhar as meninas em todos os seus dias letivos, desde a infância, até a juventude. Primeiro por uma questão de segurança e mais tarde para evitar que ela pudesse entrar em contato com as ruas, e principalmente, com as pessoas que por ela passavam. Quanto aos meninos, isso era diferente, quando crianças, os pais os levavam ao colégio, no entanto, à medida em que fossem crescendo, já ganhariam o direito de andar sozinhos pela cidade, já que estes não corriam o risco de se tornarem mal falados.

Não há cena mais bela do que, nos finais de tarde, as mães buscando seus filhos na escola. Todos contentes por terem brincado e aprendido, retornando felizes para suas casas. No entanto, essa é uma atitude que deve permanecer por anos. As moças belas e de família são muito suscetíveis às ruas. Não

são como os meninos. Elas devem ser preservadas pela família. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.20).

Segundo Boschilia (2010), dentro do campo do lazer, essa delimitação de espaços era bastante rígida, mas, ao se tratar de trabalho, já havia uma permissividade para que diferentes grupos ocupassem os mesmos espaços, independente das diferenças de gênero e de classe social.

Durante toda a semana, as ruas eram ocupadas indistintamente por pessoas de ambos os sexos que dirigiam-se ao trabalho ou à escola. A maioria seguia a pé ou de bicicleta. Dentre os apressados grupos de homens, mulheres e crianças que circulavam pelas ruas, de segunda a sábado, estavam os operários das muitas indústrias espalhadas por toda a cidade. (BOSCHILIA, 2010, p.42-43).

Existiam espaços em que a presença da mulher era bem vinda, um dos maiores exemplos disso, era dentro das igrejas. A imagem da mulher, historicamente foi associada a imagem de delicadeza, pureza, com base, principalmente, na imagem que a Bíblia traz de Maria, mãe de Jesus. Assim, a religiosidade sempre foi mais associada às mulheres do que aos homens. Embora as mulheres tenham sido impedidas de desenvolverem as mais altas funções dentro da igreja católica, ainda assim, em questões de participação elas sempre estiveram presentes. A mídia incentivava essa presença feminina dentro da igreja. A religiosidade seria uma das bases para uma família feliz, e orar seria uma atividade feminina.

Uma família feliz depende de vários fatores, mas, uma mulher que ora tem poder e pode transformar seu lar. Colocar os filhos e o esposo em oração é uma atitude que deve ser tomada diariamente. Uma mulher que se preocupa com sua família está sempre presente nas missas e cultos, colocando nas intenções o nome de seus familiares. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 06).

Orientava-se que as crianças, desde cedo, deveriam estar inseridas em movimentos dentro da igreja. Essa seria uma forma de moldar o caráter desde a infância.

Os pequenos que estão dentro da igreja não estarão em casa dando dor de cabeça. Eles já podem se conscientizar do poder da oração desde cedo. O trabalho como coroinha é de grande valia dentro da igreja, e serve para, desde a infância, moldar a personalidade das crianças. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.04).

Outro espaço que era considerado tipicamente feminino eram as feiras de legumes, verduras e frutas, que ocorriam pela manhã nas ruas curitibanas. Como cabia à mulher a tarefa de cozinhar e tomar conta da casa, também ficava destinada a ela o papel de fazer suas compras. Por vezes, em se tratando de uma família de alta classe, essa tarefa ficava destinada à empregada da residência, que também, deveria ser do sexo feminino. A revista por vezes criticava o fato de alguns homens quererem se “intrometer em um espaço com ares tão femininos” (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.12).

As feiras sempre foram lugares destinados às mulheres que cuidam bem de suas famílias. Legumes e verduras frescas, frutas doces, tudo de primeira qualidade para o bem dos seus amados. Mas, ultimamente, muitos homens tem se colocado em meio a essas feiras. São verdadeiros maricas! Homens tem seu lugar e mulheres também, que um não invada o espaço do outro. (REVISTA GRAN-FINA, 1940, p. 13).

Curitiba, como grande capital, era palco de muitos eventos sociais destinados, principalmente, a alta classe. A revista *Gran-fina* dava muito destaque à cobertura desses eventos, trazendo páginas e mais páginas de descrições sobre tudo o que acontecera nas noites de festas dos clubes curitibanos. Nesse sentido, a presença feminina, desde que junto a seus pais ou marido, era bem vinda. No entanto, tudo o que se destacava acerca da presença delas dizia respeito à beleza e à elegância com que haviam marcado os eventos.

Elegância é a principal palavra para podermos definir a festa do último dia quatro. Os senhores da sociedade curitibana, trazendo consigo suas senhoras e suas filhas, impecavelmente bem vestidas e maquiladas, com toda a graça que é, ao que parece, um dom feminino. Havia, no local, ares de realeza, com tanta formosura, por parte das moças, que deixaram os

rapazes presentes de queixo caído. Certamente, muitos saíram enamorados de lá. (REVISTA GRAN-FINA, 1940, p.07).

A moda de Paris ainda está centenas de anos a frente da nossa. As senhoras que, no dia de ontem, estiveram no já tradicional prêmio de Turfe de Curitiba, esbanjaram garbo e elegância frente a milhares de olhos. Quando perguntadas sobre a origem de seus trajes, a resposta era uma só: Paris. Temos que nos orgulhar de possuímos mulheres tão belas em nosso estado. A massa encefálica pode não ser das maiores, mas a beleza é, e como é! (REVISTA GRAN-FINA, 1940, p.15).

Era de praxe que os pais aproveitassem o aniversário de quinze anos das filhas para mostra-las á sociedade. Desde cedo, a família cuidava para que a menina tivesse boa reputação e fosse bem vista por todos. Ao completar seus quinze anos, ela estaria pronta para conhecer um bom partido e começar a construir sua própria família, claro, se seus pais aprovassem o relacionamento.

Ah, que bela é uma festa de 15 anos! Toda aquela magia em torno da menina que agora se torna uma moça. Os olhos da sociedade curitibana agora se voltam para mais uma bela flor a desabrochar no jardim da nossa cidade. Belas moças, belas famílias e belas reputações... Ah, que bela é uma festa de 15 anos... (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 05).

As moças amadurecem mais rápido, e isso é fato. Aos 15 anos, já estão prontas para assumirem uma família. As grandiosas festas que os pais promovem para comemorar os 15 anos de suas filhas, servem, claramente, para apresenta-las aos bons partidos da nossa cidade. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 07).

Outro tipo de festa em que a presença feminina era permitida, dentro de alguns limites, era no Carnaval da cidade. Além do carnaval de rua, uma festa mais popular, em que as classes mais populares participavam com maior frequência, ainda haviam as festas promovidas por clubes da capital. Nessas comemorações, os pais costumavam dar maior liberdade às filhas para pularem e brincarem, entretanto, em hipótese alguma se deveria dar total liberdade, de acordo com a *Gran-fina*.

É carnaval! É a hora de esquecer um pouco das regras. Mas sem exageros, não deixe toda a liberdade do mundo à disposição de suas filhas! Lembre-se de que no próximo dia útil as pessoas falarão. As moças não estão imunes aos comentários maliciosos da sociedade só por conta de ser uma

feira, de ser carnaval. Brinque, pule, mas não esqueça dos modos. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 05).

A coluna “Todas querem ser bonitas”, veiculada no mês de janeiro de 1941, recebeu duas questões enviadas por leitoras, pedindo conselhos referentes às festas de carnaval.

Irei a dois bailinhos diurnos, em dois clubes aqui da nossa cidade. Penso que no carnaval poderia escolher uma fantasia que ficasse acima do joelho, mas minha mãe não concorda, ela diz que isso seria indecência. Como convencê-la? Estou quase perdendo a vontade de brincar o carnaval com minhas amigas. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.13).

Não passarei o carnaval aqui na nossa cidade, irei para o Litoral com minha família, mas fico muito envergonhada de ter que passar as festas com meus pais, ao invés de estar com meus amigos. Eles nem sequer permitem que eu utilize fantasias nos bailinhos... (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.13).

As respostas dadas pela revista às suas leitoras foram bastante enfáticas. Elas deveriam cuidar de suas reputações durante as festas. Em momento algum fala-se sobre a presença masculina e seus possíveis exageros nas festas.

Minha cara, Adriana, você deveria no mínimo estar tonta ao nos enviar essa pergunta. Não é porque estamos no carnaval que você deveria esquecer todos os bons modos que seus pais lhe ensinaram durante toda a vida. Você prefere aproveitar das formas mais sórdidas uma, ou duas festas e ficar mal vista durante o resto de seus anos? Ou prefere brincar o carnaval de maneira descente e manter a boa reputação que tem? Pense sobre isso e me escreva novamente assim que passarem as festas... (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.13).

Maria Rita, minha cara, você está sentindo vergonha daqueles que são os responsáveis por tudo o que você é? Ou seria apenas a frustração por não poder aproveitar de maneira nefasta os festejos de carnaval? Pelo menos, de uma coisa teremos certeza, com seus pais por perto, sua reputação voltará intacta para nosso centro urbano. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.13).

De forma bastante semelhante ao que acontece hoje, cabia à mulher a tarefa de zelar por sua reputação. Tudo o que acontecesse e que pudesse, de

certa forma, abalar a imagem de uma moça, seria culpa dela mesma. Para evitar que isso acontecesse, a revista trabalhava em cima de dicas de como as mulheres deveriam se portar em ambientes que também fossem frequentados por homens.

Ao perceber que está em um ambiente repleto de representantes do sexo masculino, uma moça de família deve se retirar imediatamente. Não fica bem manter-se em um ambiente em que os homens são maioria. Se uma linguaruda lhe percebe nessa situação, sua reputação irá à lama. (REVISTA GRAN-FINA, 1940, p. 27).

Nessas dicas, também estava presente uma perceptível hierarquia entre os sexos. As opiniões masculinas eram levadas em conta com maior facilidade e frequência, e a mulher deveria omitir sua voz se um homem estivesse falando naquele momento.

Não é de bom tom que uma moça interrompa o momento em que um homem estiver falando. Ela deve observar se sua opinião é pertinente e se ele permitirá que ela fale. Caso negativo, deve-se guardar a opinião para uma próxima vez. (REVISTA GRAN-FINA, 1940, p.08).

De acordo com o periódico, as mulheres deveriam cuidar com a roupa e a maquiagem escolhida para frequentar lugares públicos, caso isso não fosse levado em conta pelas moças, elas poderiam ser acusadas de estar tentando chamar atenção, dos homens, principalmente.

Ao sair acompanhada pelo esposo ou pelos pais, as senhoras e as moças devem tomar cuidado com o traje escolhido. O mesmo vale para a maquiagem. Se as roupas forem muito curtas, decotadas, ou chamativas, isso será um desrespeito com seu companheiro. Ao sair sozinha, as consequências serão ainda mais desastrosas. Se uma moça sai vestida ou maquiada de forma a despertar atenções, ela não é uma boa moça, pois está querendo atenção masculina por onde quer que passe. (REVISTA GRAN-FINA, 1940, p. 09).

Assim como as roupas, outra coisa que deveria ser evitada pelas mulheres para que suas reputações não fossem atingidas, eram os modos de

se portar nos espaços públicos. Ela deveria ser contida, não expressar de forma intensa seus sentimentos.

Rir em público é uma questão de que deveremos aqui falar. Muitas são as moças que ao se depararem com um acontecimento cômico, riem de maneira incontrolável, exibindo ao mundo toda a sua arcada dentária. Isso é muito feio, e causa constrangimento em outras moças que estiverem no local. Ao estar em um ambiente frequentado por muitas pessoas, procure ser branda. Ninguém que ali está precisa saber o que você está sentindo naquele momento. Se for espalhafatosa só será vista como uma moça não confiável. (REVISTA GRAN-FINA, 1940, p.06).

Se você se considera uma moça de família, deixe tudo o que está fazendo nesse momento e jogue qualquer batom vermelho que possa haver em sua penteadeira. O último filme hollywoodiano lançado nos cinemas das grandes cidades brasileiras, reforçou ainda mais a ideia de que batom vermelho e maquiagem forte, só servem para mulher da vida, ou mulheres que são artistas. Se esse não for seu caso, faça o que eu digo e livre-se dessa cor mal vista neste momento. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 04).

Qualquer modo mais espalhafatoso poderia ser mal interpretado. Portanto, era preciso se autovigiar para que a postura apresentada fosse a mais recata possível, principalmente em locais com muita presença masculina, ou que exigiam um ar de santidade, como nas igrejas.

A postura dentro da casa do senhor deve ser a mais santificada possível. Saias abaixo do joelho, casaquitos que cubram os braços, salto baixo e discreto. Nenhuma maquilagem, apenas uma cor rosada nos lábios. Você não está em uma igreja para chamar atenção. Volte seus pensamentos à Deus. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 07).

A Curitiba de 1940 possuía muitos cassinos, nesses estabelecimentos, haviam mulheres que seriam bem vindas e aquelas que não deveriam frequentar tais locais. O primeiro caso, eram as artistas que se apresentavam nesses lugares, a cada temporada, novas artistas desembarcavam na capital e faziam seus shows para os frequentadores. No segundo caso, as mulheres ditas “de família”, não seriam bem vistas caso frequentassem cassinos. Esse

era um lugar de frequência masculina, nem mesmo acompanhadas de seus maridos, ou pais, elas poderiam estar presentes.

Belíssimas as irmãs que se apresentaram na última semana no Cassino Ahú. O público, em sua maioria composto por grandes nomes da sociedade curitibana, ficou encantado com tamanha desenvoltura. Se houvessem mulheres no recinto, com toda certeza ficariam inciúmadadas por seus esposos estarem frente a tamanha beleza. (REVISTA GRAN-FINA, 1940, p.20).

Haviam regras sociais vigentes para todas as ocasiões da vida de uma mulher. Até mesmo para frequentar lugares comuns, como restaurantes, ou eventos sociais, tais como casamentos ou velórios, haviam certas atitudes que elas deveriam praticar ou evitar. As revistas, nesse período, serviam como um manual daquilo que se esperava das moças, e portanto, estavam recheadas de dicas.

Ao adentrar o restaurante com seu esposo, caso encontrem algum conhecido e este seja do sexo masculino, lembre-se de baixar a cabeça após lhe dar os cumprimentos. Não se deve emitir opiniões em conversas de cavalheiros. Se ele estiver, também acompanhado de sua esposa, não é necessário baixar a cabeça, mas evitem conversar, assuntos de mulheres devem ficar entre mulheres. (REVISTA GRAN-FINA, 1940, p. 18).

Quando se está em um velório, toda discrição é fundamental. Se vista de maneira discreta, haja de forma discreta. Ao cumprimentar os enlutados, um aperto de mão é mais do que suficiente, deixe abraços apenas para os familiares, já que isso pode ser mal interpretado pelos presentes. (REVISTA GRAN-FINA, 1940, p. 10).

Quando as moças novas precisavam sair às ruas para fazer compras, ir à médicos, dentistas, ou qualquer outra atividade cotidiana comum, havia uma regra vigente de que elas deveriam estar acompanhadas por suas mães. Era muito mal visto pela sociedade curitibana o fato de uma moça sair desacompanhada de casa. Esse tipo de regra foi lembrada pela revista, dentro da coluna “Meu bebê é minha vida”, veiculada na edição do mês de julho de 1941.

Se sua filha é jovem, não a deixe sair sozinha. Se ela necessitar de qualquer coisa, desde uma consulta médica, até uma simples tarde para comprar novos trajés, esteja ao seu

lado. Uma moça, cuja mãe está sempre por perto, dificilmente dará lado para que os mais venenosos falem. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p. 23).

Quando a temporada de verão tinha início, muitas das matérias da revista se voltavam para o tema. Como a cidade de Curitiba está localizada à pouca distância do litoral, havia uma exaltação das praias paranaenses. No entanto, havia uma preocupação bastante perceptível acerca dos modos femininos quando estas descessem para o litoral durante as férias.

Há aqueles que não aprovam o uso dos *maillots*, durante a temporada de veraneio, mas lhes asseguro que esse fator não é importante. Muitas moças acreditam que, por estarem distantes da capital, poderão fazer tudo aquilo que quiserem, como se não houvessem regras, como se não tivessem sido criadas dentro dos bons costumes. Os olhos daqueles que falam estão por toda parte, e isso não deve ser esquecido. (REVISTA GRAN-FINA, 1940, p.20).

É preocupação para os pais de filhas guapas frequentar as praias nesse período de veraneio. Elas chamam muita atenção dos cafajestes nas areias da praia. Assim, cabe aos pais, exigirem uma postura séria, e pedir a elas que cubram o corpo quando possível. (REVISTA GRAN-FINA, 1940, p.20).

As atitudes femininas deveriam, de acordo com o periódico, ser constantemente vigiadas. Por mais que os pais concedessem certa liberdade às moças, permitindo que elas saíssem com amigas, que frequentassem clubes recreativos da cidade, participassem de eventos sociais, o recomendado era que essa liberdade não fosse completa. Os pais deveriam sempre “confiar desconfiando”.

Não é certo prender a moça dentro de casa, como um pássaro dentro de uma gaiola. Mas também, não se pode dar a liberdade de um pássaro a ela. Jovens tem vontades próprias, querem sair, aproveitar os dias ensolarados de nossa cidade. Conheça as suas companhias e avalie se ela possui inteligência suficiente para separar o joio do trigo e saber com quem pode andar e a quem não deveria nem dirigir sua palavra. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p. 25).

Era muito raro que a *Gran-fina* desse abertura a mulheres que estavam se destacando nos espaços públicos. O normal, era que se tentasse exaltar as

mulheres cuja personalidade fosse de encontro àquilo que se esperava de uma representante do sexo feminino, e que identidades que fugissem à regra fossem suprimidas. No entanto, em alguns casos, foi concedido esse espaço às mulheres que fugiam à regra, e estas foram bastante destacadas pela publicação. Um destes casos, ocorreu quando a escritora paranaense Nenê Macaggi conquistou seu espaço dentro da revista. Falou-se sobre o entusiasmo com que a crítica havia recebido seu novo livro “Chica Banana”.

A novelista acaba de ser surpreendida com todo agracamento com que a crítica recebeu seu livro Chica Banana. Ela já pode ser considerada um dos grandes orgulhos do nosso estado, e estará em Curitiba nos próximos dias. É de impressionar a capacidade que possui de fazer o leitor se enamorar por sua escrita. Um verdadeiro dom! (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.12).

Outro caso parecido, aconteceu quando uma cantora paranaense chamada Gigi Hamad fez sua apresentação no tradicional Cassino Ahú. A revista costumava exaltar as artistas que lá se apresentavam, no entanto, na maioria das vezes, elas eram de fora do estado do Paraná, Gigi, por ser uma mulher paranaense foi destaque na edição de março de 1941, que rasgou elogios à sua apresentação e também à sua personalidade.

Com uma voz de tirar o fôlego, Gigi Hamad chegou despertando a atenção de todos os presentes. Paranaense, da cidade de Foz do Iguassu, ela não é uma moça qualquer, pelo contrário, está muito acima de qualquer outra moça. Bastante decidida, ela tem uma personalidade invejável, é uma mulher muito forte. (REVISTA GRAN-FINA, 1941, p.08).

A edição veiculada no mês de abril de 1942 trazia um chamado às mulheres. A matéria intitulada “Mulheres, a pátria necessita de vossos esforços”, convoca a todas para que se colocassem a serviço de instituições de caridade no Paraná e no Brasil, de forma geral.

É dever de toda mulher esquecer das pequenas coisas e frivolidades para dedicar sua vida aos nobres propósitos, à oração e ao serviço do país. A pátria, hoje, mais do que nunca, necessita do trabalho de todas as mulheres. Se não a atendermos, os ideais de igualdade e de liberdade pelos quais sempre nos batemos, desaparecerão por fim, da face da terra. As mulheres que pouco, ou nada, tem a fazer dentro de casa,

devem agora cogitar de aproveitar sua capacidade e energia, auxiliando o país no que for possível. Esta é a hora, moças e senhoras. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p 08).

Como a revista não tratava apenas de assuntos relacionados à cidade de Curitiba, em muitos casos se falava sobre assuntos de ordem nacional ou internacional, como era o caso de todos os assuntos que envolviam a Segunda Guerra Mundial. A mídia da época trazia uma espécie de boletim informativo sobre os últimos acontecimentos nos campos de batalhas. Por algumas vezes, tratou-se sobre a presença feminina na guerra. A edição da segunda quinzena do mês de abril de 1942, trouxe uma matéria intitulada “As enfermeiras do Exército”, que tratava sobre as mais de 10.000 mulheres que estavam servindo a seus países durante a guerra. Por mais que a matéria aborde enfermeiras de outras nacionalidades, a *Gran-fina* faz uma comparação entre essas mulheres, e as moças paranaenses.

As enfermeiras do exército do Tio Sam, tem se mostrado de competência irretocável, podem ser consideradas verdadeiras heroínas, Seu trabalho é de grandiosidade a ser admirado. Quase não lhes resta tempo de descanso, nem mesmo para prolongar o momento do chá da tarde. São muitos os feridos e convalescentes, portanto, o trabalho é bastante cansativo. Essas moças sim, mostram verdadeiro amor à pátria. Como gostaríamos que nossas moças paranaenses tivessem tamanho louvor por nossa terra. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p. 12).

Uma matéria veiculada em 1942, tratava sobre a presença de uma mulher, que de acordo com a revista, estava a procura de médicos que lhe auxiliassem nas transformações para assumir sua identidade masculina. A presença de alguém que fugisse dos padrões de família tradicional era vista de má forma pela revista. A *Gran-fina* criticou de maneira ferrenha essa presença na cidade, já que “ela poderia influenciar as moças de mente pequena a tomarem a mesma atitude. O próprio governo deveria ter impedido sua entrada na cidade de Curitiba”. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p.13).

A mulher é muito mais complicada do que o homem em suas atitudes... Para uma mulher metamorfosear-se em homem, basta vestir calças compridas, cortar os cabelos e submeter-se a uma operação de enxerto. Mas, para um homem ser mulher,

será necessário, primeiramente, extrair do crânio a massa cinzenta... Nossas mulheres já não são muito inteligentes, e ainda recebemos a indesejável visita dessa mulher que pretende virar macho? O caos tem tudo para se instalar em nossa cidade. (REVISTA GRAN-FINA, 1942, p.21).

É perceptível que havia uma relutância por parte da sociedade em aceitar a presença feminina nos espaços públicos. De acordo com Boschilia (2010), com exceção das mulheres que trabalhavam na rua, e normalmente pertenciam às classes menos abastadas, elas sofriam bastante restrição nesses locais. Qualquer visita a um lugar mal visto poderia acabar com a reputação de uma moça. Assim, caberia aos pais da menina zelar para que ela não andasse com más companhias e nem frequentasse lugares que não eram apropriados para sua classe, sexo e posição social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre as mulheres traz um misto de sensações. Por um lado, a indignação em se deparar com essa disparidade entre homens e mulheres retratada nas páginas de um veículo de comunicação, algo que, mesmo tanto tempo depois, ainda ocorre com frequência, e por outro, satisfação em poder contribuir com esse estudo acerca da figura feminina.

A ideia de que o Paraná é um estado agrícola ainda permanece muito forte em nosso país. Em geral, o brasileiro tem uma ideia formada sobre cada uma das regiões do Brasil, visão, essa, bastante influenciada pela mídia. Nesse sentido, é necessário mostrar que temos uma história dentro da comunicação, dentro dos estudos das questões sociais.

Estudar as condições da mulher na sociedade da década de 1940, ou de qualquer outro espaço temporal que não vivenciamos é um desafio. Mesmo se tratando de uma capital, uma das cidades mais industrializadas, que mais cresciam no país, a ordem social que imperava era de que a mulher estava muito abaixo do homem, principalmente em questões envolvendo direitos. As

convenções sociais apontavam que o sexo do indivíduo seria o responsável por traçar seu caminho.

Partindo das ideias de Nora (1993), que assevera que um lugar de memória é todo local onde a cultura de um povo se cristaliza, entendemos a revista *Gran-fina* como um exemplo de lugar de memória. Ao longo de toda a análise, foi inevitável pensar até que ponto a própria publicação se colocava como um local de memória, até que ponto aqueles que estavam no Edifício Avenida, sala 304, localizado na Travessa Oliveira Belo, no início da década de 1940, produzindo matérias, dicas e conselhos para as mulheres, imaginariam que tanto tempo depois estaríamos nos debruçando sobre todo esse material, buscando entender os papéis sociais destinados à figura feminina daquele período.

A revista *Gran-fina* não era apenas uma revista jornalística e nem somente uma vitrine da sociedade curitibana, ou do que se esperava dessa sociedade curitibana. Podemos dizer que ela era uma mescla de jornalismo, com boas matérias e reportagens, e um manual de boas maneiras destinado, principalmente, às moças da cidade. Os assuntos importantes, política, economia, eram destinados ao público masculino, já as “dicas”, palavra utilizada até hoje pelos veículos de comunicação para dar conselhos relativos à forma como as mulheres devem se comportar socialmente, deixavam claro, pela linguagem, pelo título da editoria, e, principalmente pelas posições e imposições, que eram destinadas ao público feminino.

A percepção que temos acerca de todas as privações que as mulheres da época sofriam é de que havia, por conta de uma sociedade extremamente patriarcal, um medo vigente de perder essa mulher pacata, que até então tinha o lar como seu universo, e que começava a conquistar outros papéis, muito além do espaço privado.

A relação feminina dentro da família sempre foi uma relação tida como santificada. As mulheres deveriam ser o espelho de Maria, mãe de Jesus, boas mães, boas esposas, pacatas, puras e religiosas. A história difundiu esse perfil, que foi considerado o correto, durante muitos anos. A revista servia como um manual de como as mulheres deveriam agir em diferentes situações familiares.

Desde a infância, as meninas tinham papéis sociais pré-definidos, e qualquer perfil que fugisse a esses papéis seria considerado incorreto.

A partir do momento em que essas mulheres, por vontade própria, ou por necessidade, passam a quebrar regras e começam a conquistar seus espaços dentro do mercado de trabalho, o que se percebe é um medo geral, medo de que toda aquela imagem ordeira que, durante décadas, se construiu acerca da cidade de Curitiba se desmanchasse. Assim, é perceptível que, através dos Meios de Comunicação, se tentou manchar a índole dessas mulheres, responsabilizando-as por todo e qualquer problema de ordem familiar que ocorresse.

O espaço privado sempre foi considerado o lugar ideal para a figura feminina. Se mesmo dentro desse espaço haviam regras sociais que as mulheres deveriam seguir, nos momentos em que ela transcende essa barreira e vai para os espaços públicos, essas regras se multiplicam.

Com a imagem de ordem que, segundo Boschilia (2010) os governantes curitibanos queriam difundir acerca da cidade, a mídia da época também seguiu essa tendência. A *Gran-fina* vendia uma imagem de “mulher perfeita” para os padrões do período. Era primordial que os pais da menina, desde seu nascimento, a criassem seguindo uma espécie de receita, que, de acordo com a revista, resultaria em uma moça de família, uma moça para se casar, que seria uma ótima mãe futuramente.

A inclusão de atividades vistas como femininas, como cozinhar e costurar, por exemplo, deveria ser realizada desde a infância. O periódico recomendava que meninos deveriam ter uma maior proximidade com seus pais, enquanto as meninas deveriam estar sempre acompanhando as atividades de suas mães. Para a *Gran-fina*, dessa forma, os meninos estariam desde cedo em contato com assuntos de maior importância, aprendendo a cuidar dos negócios da família, enquanto as meninas aprenderiam o necessário para, futuramente encontrar um bom casamento e formar uma família, onde todo o ciclo se repetiria.

Nesse sentido, podemos incluir essa mulher da década de 1940, na segunda caracterização proposta por Lipovetsky (2000), em que ele se refere às mulheres submissas, que passam a apresentar uma maior feminilidade, mas que continua sendo considerada inferior ao homem. A mulher desse período, retratada pela *Gran-fina*, voltava-se ao lar, nas posições de filha, primeiramente, depois de esposa e, finalmente de mãe. Através dos discursos da revista, a imagem que se pretende passar é de que as mulheres nasciam com seus papéis pré-definidos, ao cumprir todas essas etapas ela seria uma mulher completa, caso contrário, não estaria cumprindo bem o papel que lhe fora designado.

O título da pesquisa, *Entre família, trabalho e espaços públicos*, faz referência aos três pilares em que procuramos nos apoiar. A *Gran-fina* possuía uma espécie de receituário, baseado, principalmente, nesses três vieses. Tentava se propagar aquelas que seriam consideradas as melhores formas de ser e de agir.

O lar sempre foi considerado como um espaço essencialmente feminino. Seria o destino de toda menina, aprender a ser prendada, respeitando sempre pai e mãe, se tornar uma moça educada, que despertasse atenção na sociedade, arranjar um bom casamento, que muitas vezes não estava baseado em sentimentos, e sim em relações sociais e econômicas, se tornar uma boa esposa e uma boa mãe.

O mercado de trabalho era tido, até então, como espaço masculino. Por vezes, em se tratando de visões masculinas, elas eram vistas como intrusas nesse espaço. Por necessidade, ou por vontade própria, no entanto, as mulheres foram adentrando o mercado de trabalho, mas, as regras de comportamento se multiplicavam.

Ao voltarmos nossos olhos ao passado percebemos que a presença da mulher no mercado de trabalho, a sua liberdade sexual, as responsabilidades junto à família, o seu comportamento nos espaços públicos, sempre foram alvos de regras e julgamentos. Essas regras se atualizaram, mas ainda são muito perceptíveis em nossa sociedade

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Marialva. **Percursos do olhar**. Niterói: EdUFF, 2007.

_____. **Imprensa, poder e público**. Tese de Doutorado em História. Niterói: UFF, 1996.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

_____. **Modernidade Líquida**. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: A experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOSCHILIA, Roseli. **Entre fitas, bolachas e caixas de fósforos**. A mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960). São Paulo: Contexto, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina revisitada**. In: LINS, Daniel; org. A dominação masculina revisitada. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas, Papyrus, 1998, p. 11-27.

BUITONI, Dulcília. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Ática, 1990.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições Sobre os Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo. 2ª ed, 2008.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre, RS: Ed.Universidade/UFRGS, 2002.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Os estudos culturais**. 2006. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/estudos_culturais_ana.pdf> Acesso em 10 abril, 2016.

FERREIRA, Lucia M. A. Uma memória da normatização da conduta feminina na imprensa. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia M. A. **Mídia e Memória**: a produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. "Quem precisa da identidade?". In: SILVA, Tomás Tadeu das Silva (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 103-133.

_____. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2004.

_____. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik; Tradução Adelaine la Guardia Resende...[et all]. Belo Horizonte: Edição UFMG; Brasília: representações da UNESCO no Brasil, 2003.

HUYSSSEN, Andreas. **Memórias do Modernismo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

_____. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**. S. Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MATTELART, Armand e NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola, 2004. 215 p.

MURARO, Rose Marie. **A mulher do terceiro milênio**. Rio de Janeiro. Rosa dos tempos, 1992.

NORA, Pierre. **Entre história e memória**: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1992.

RAGO, Margareth. **Epistemologia Feminista, Gênero e História**. PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Míriam Pilar (Orgs.). Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 1998.

REVISTA GRAN-FINA, Curitiba, nº 1, 1940.

_____, Curitiba, nº 2, 1940

_____, Curitiba, nº 3, 1940

_____, Curitiba, nº 4, 1940

_____, Curitiba, nº 5, 1940

_____, Curitiba, nº 6, 1940

_____, Curitiba, nº 7, 1940

_____, Curitiba, nº 8, 1940

_____, Curitiba, nº 9, 1940

_____, Curitiba, nº 10, 1940

_____, Curitiba, nº 12, 1940

_____, Curitiba, nº 13, 1940

_____, Curitiba, nº 14, 1940

_____, Curitiba, nº 15, 1940

_____, Curitiba, nº 16, 1940

_____, Curitiba, nº 17, 1941

____, Curitiba, nº 18, 1941

____, Curitiba, nº 19, 1941

____, Curitiba, nº 20, 1941

____, Curitiba, nº 21, 1941

____, Curitiba, nº 22, 1941

____, Curitiba, nº 24, 1941

____, Curitiba, nº 25, 1941

____, Curitiba, nº 27, 1941

____, Curitiba, nº 28, 1941

____, Curitiba, nº 29, 1941

____, Curitiba, nº 30, 1941

____, Curitiba, nº 31, 1941

____, Curitiba, nº 32, 1941

____, Curitiba, nº 34, 1941

____, Curitiba, nº 35, 1941

____, Curitiba, nº 36, 1941

____, Curitiba, nº 37, 1941

____, Curitiba, nº 38, 1941

____, Curitiba, nº 39, 1941

____, Curitiba, nº 40, 1941

____, Curitiba, nº 41, 1941

____, Curitiba, nº 42, 1941

____, Curitiba, nº 43, 1942

____, Curitiba, nº 46, 1942

____, Curitiba, nº 47, 1942

_____, Curitiba, nº 48, 1942

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A mídia e o lugar da história. In: HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Mídia, Memória & Celebidades**. _____ . **A história do seu tempo**. A imprensa e a produção do sentido histórico. Rio de Janeiro: dissertação de Mestrado defendida na ECO/UFRJ, 1998.

ROSA, Renata V. M. da. **Feminização do magistério**: representações e espaço docente. In: Revista Pandora Brasil "Cultura e materialidade escolar", 4 edição, São Paulo, 2011.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2008.

SCOTT, Joan Wallach. "**Gênero: Uma categoria Útil de Análise Histórica**". Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, n^o 2, julho / dez. 1995, p. 71-99.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias**: Mulheres de Curitiba na primeira república. Curitiba: Farol do Saber, 1996.

WELLER, Wivian. **A hermenêutica como método empírico de investigação**. In: 30^a Reunião Anual da ANPEd, 2007, Caxambu. 30^a Reunião Anual da ANPED, 2007. p. 1-16.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórico e conceitual. In SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.